



VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

LÚISA SATANELA VOLTOU, E MARIA JOSÉ LEVA-LHE
O SEU ABRAÇO COMOVIDO!

ANO IV - N.º 207 3 DE MAIO DE 1945
PREÇO AVULSO 3500



UM LINDO SONHO DE MULHER...



... POSSUÍR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

DA

FABRICA PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 — TELE. 2 4948



AS ROUPAS INTERIORES PREFERIDAS PELO SEU FINO CORTE E ACABAMENTO

... São as das
Malbas LOCITAY

¡Nervosos!; Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produziram um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo



Os desgostos familiares são muitas vezes resultantes do desequilíbrio dos nervos



Os ruidos, sempre molestos, tornam-se insuportáveis quando os nervos estão alterados



A enfermidade, o cansaço ou o abatimento podem vencer-se alimentando intensamente o sistema nervoso



Quando os nervos estão irritados a mínima questão resolve-se com violência

Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.



O homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desfalcamientos



As preocupações e desgostos alteram o sistema nervoso provocando insónia

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.



Quem tem sido forte não pode nem deve condenar os seus músculos a uma permanente inactividade

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

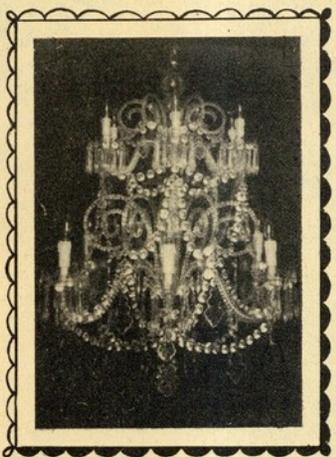
Peca sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-JOURS ★ CANDELABRÓS ★ CANDIEIROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (Á R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

IDEIAS E IMAGENS

A ateus religiosos e há religiosos ateus. Isto parece um paradoxo, mas o que não resta dúvida é que há inúmeras verdades que se apresentam sob esta forma paradoxal. Há ateus que procedem na vida como perfectos cristãos e cristãos que se comportam como autênticos ateus. E a razão ou a explicação, se ela existe, é, a meu ver, esta: No inconsciente desses ateus dormitam enraizados profundos sentimentos religiosos. Com o consciente negam e com o inconsciente afirmam. Ao passo que nos outros se dá precisamente o contrário: afirmam com os lábios o que negam com o coração.

Isto parece-me que, pelo lado científico, vem em reforço da hipótese da hereditariedade: para os espiritualistas e para os teosofos reforça-lhes a doutrina da reencarnação.

Seja o que for, o que isto prova é que o homem vive mais do passado que do presente, quer esse passado seja ele próprio ou os seus avós. E não admira: o passado, em qualquer das hipóteses, são milénios, biliões ou trilhénios, ou milhões, biliões ou trilhões de anos, idades incontáveis, porque o espírito humano não pode penetrar até à raiz da criação; ao passo que o presente são umas dezenas de anos, uns infínitos átomos das épocas.

* * *

Há tempos li numa revista americana um artigo em que convidavam homens, não a colocarem os seus capitais, não a movimentarem os seus braços, não a acelerarem as suas pernas, mas apenas a isto: a meditar e a apresentarem as suas idéias.

Realmente, todo o progresso é filho das idéias. A maior parte da gente no nosso país queixa-se de pobreza; não há pobreza quando existe riqueza de idéias. Conheci muitas pessoas que, sem um vintém no bolso, treparam e se fizeram milionários, somente porque tinham idéias. Imaginavam um esquema de vida, creram nele, perseveraram nele, e um dia realizaram-no. Pensem bem nisto: o dinheiro que está nos Bancos anda à espera de idéias. Casem as idéias com o dinheiro e aí têm a prosperidade.

Tive um amigo, homem modesto, tímido, que meditava muito em rapaz. Arquitectava projectos, acalentava-os durante certo tempo, e se os dava por impraticáveis, abandonava-os. Isto tudo na imaginação. Mas quando despedia um projecto da cabeça, substituíam-no por outro, até que um dia construiu uma barraca de madeira num quintal e pôs-se a fabricar.

Passou muitos trabalhos, fracassou em muitas experiências, teve de por si planear maquinismos, processos de fabrico, molinos para pedra, fornos, caldeiras, até que conseguiu montar uma fábrica completa e ficar milionário. Não era lá muito inteligente, mas o que era era muito tenaz.

Eu queria que cada português, em vez de ir para os cafés dizer mal dos governos, se pusesse a meditar nisto: que é que Portugal precisa para se pôr a par das outras nações adelantadas? Que lhe falta? De que maneira posso eu contribuir para, levantando Portugal, me levantar a mim?

Desta meditação saíram novos processos de educação, novas iniciativas, novos surtos industriais e comerciais, novos aperfeiçoamentos da técnica, novas invenções, novas prosperidades, novas riquezas.

* * *

Eu nunca tive especial admiração pela riqueza. Concorro, até certo ponto, com o preceito de Carlyle, de que a aristocracia do dinheiro é a mais vil, a mais desprezível que há no mundo.

Mas também não posso deixar de notar que a aquisição do dinheiro representa mais alguma coisa que a sordidez do avarento. Porque os dois povos do mundo onde viceja a semente puritana, os ingleses e os americanos, são os povos mais ricos. E as nações da Europa, onde o padrão da moralidade é superior, os escandinavos e os sulcos, possuem um nível de vida elevado e, se não são propriamente ricas, são abastadas.

De modo que, duma maneira geral, não está certo o preceito que muitos julgam como certo e que tanta gente arrasta para a Penitenciaría,

(Continua na pág. 16)



COM toda a solenidade, inaugurou-se o Museu Histórico-Bibliográfico Nacional. O sr. Presidente da República, o sr. Cardeal Cerejeira, membros do Governo e da Câmara Corporativa estiveram presentes e ouviram, da boca do sr. Joaquim Leitão — de todos os animadores deste museu aquêle que levou a bom termo a iniciativa — a história da organização deste repositório de documentos históricos. Entre a assistência, havia muitos elementos oficiais e convidados de categoria, nos nossos meios literários, artísticos e políticos.



UMA grande assistência — grande pelo número e pelo que representa na vida portuguesa — foi à Casa das Beiras assistir à conferência do sr. dr. Sousa Costa, o illustre escritor acolhido à sombra da tradição northenha que, de vez em quando, desce a este burgo para nos dar os primores do seu talento literário. O tema que o conferencista escolheu foi um hino de justiça e de ternura, para nos referir o caso do Padre António de Oliveira Pestalozzi português — que foi legista e poeta por amor dos desherdados. Na foto, vemos Sousa Costa ao chegar para a sua conferência. De frente, o poeta António Correia de Oliveira, que presidiu à sessão.

QUANDO EM LISBOA SE APREGOA A SORTE...

ANDA por aí, com certa graça, pelas esquinas de Lisboa, um homem que traz um cão, cujo dorso está coberto de jogo de lotaria. Geralmente, o homenzinho escolhe os sítios mais concorridos — desde a ruidosa avenida ao recante barulhento da Rua dos Sapateiros. Já o vimos, também, aqui em cima no Chiado, quasi escondido no recanto duma igreja. Junta-se gente para ver esta estranha habilidade do cão. É que o animal, de cabeça baixa, passeando dum lado para o outro, tira do monte das cautelas ou vigésimos um determinado número; depois, com a maior naturalidade, conserva-o nos dentes e roça-se, sempre de cabeça baixa, pelas pessoas que formam roda a assistir ao espectáculo. Agora, o curioso é que o dono do cão, encostado à parede, muito senhor de si e direito, com as mãos nos bolsos, chupando um cigarro, só diz:

— O cão é que tira a sorte! E o cão da sorte!

Na verdade, o cão da sorte — devia antes ser cadela. Cadela da sorte, sim! Mas não. É um cão, e não se leva a mal por isso...

Há se coisas, porém, que impressionam neste cão da sorte. É um artifice, um trabalhador — ele, afinal, é que vende o jogo, porque o dono

só recebe. Por consequência, o cão é colectável; tem imposto profissional, obrigações de cidadão. Trabalha — Outra coisa surge, porém: é que este cão, se é o trabalhador remunerado — e, decerto, com óptimo salário, porque está gordinho — não deixa, porém, de pertencer à sua raça, pois não deixa de ser cão. Isto aconteceu com os cães que trabalham — e que são até mais úteis que certos homens (veja-se o cão-polícia, o companheiro do pastor, o cão-soldado, o cão-guia de cegos).

Ora, o cão-cauteleiro a que nos referimos, nunca cometeu uma levandade. Ele poderia muito bem, uma tarde, abalar a fugir atrás duma cachorrinha, com o dorso de vigésimos...

Pois não só não o faz, como não faz essa coisa inocente e tentadora de cheirar as colunas quando vem vender a «taluda» pelas ruas de Lisboa. Disciplinado e ordeiro, o cão da sorte é zeloso.

E, de roda d'ele, gente e mais gente vai comentando como o animal é tão esperto e tão fiel.

É, de facto, assim é. Daqui a pouco, o cão da sorte é um animal famoso. Entrará nas revistas, passará imponente pelas ruas da capital e ostentará, como «mascote» do jogo, a grã-cruz da Taluda — se não for nomeado o cão n.º 1 da Felicidade.

MAÑUEL MARTINHO

TAMBÉM LEVA O SEU CÃOZINHO A PASSEAR?



São cães, como as pessoas, já nascem com o destino marcado. E, assim, sabe-se que uma raça canina, de uma certa nobreza para cima, não pode deixar de gozar de uns certos privilégios, porque só podem ser pertença de uns certos senhores abastados. Dois elegantes galgos russos, por exemplo, não podiam ser senão pertença de gente de dinheiro que os comprasse ou que fossem recebidos de outra gente endinheirada das suas relações. É certo que, às vezes, numerosas famílias de cães nobres, como as dos homens, também entram em declínio — e são esses cães rafeiros que aparecem pela rua sem coleira nem correia, amigos inseparáveis da garotada de pé descalço, e cuja genealogia talvez fizesse pasmar a quem lha investigasse...

Não é desses, porém, que pretendemos falar. Hoje, referimo-nos aos cães de luxo, aos «cães-bem» que têm «montes» de sorte. Andam pelo Estoril, pelas avenidas de Lisboa, pelos bairros elegantes mais recolhidos — pelas ruas de Londres, pela Quinta Avenida de Nova-York...

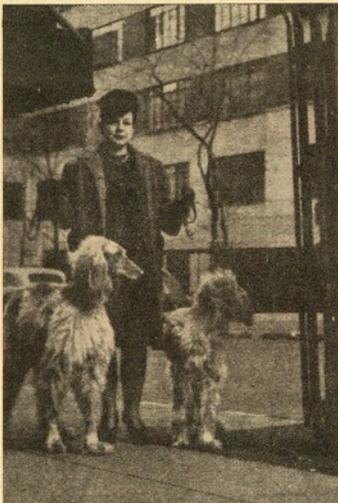
O piso das ruas asfaltadas não será o melhor para os seus exercícios mantidos. Mas, não há campo por aí em volta e o passeio higiênico é indispensável a um cão civilizado e que se preza de o ser...

E, enfim, se o pavimento não é ideal, tem, todavia, as suas vantagens: oferece os mais variados odores — que um focinho de cão pode aspirar — e como «contra faros» não há argumentos, segundo a frase de uma alta personalidade do mundo canino, aí está porque os cães sentem indemnizados os calos dos pezinhos delicados. Depois, sempre é possível um «encontro» ocasional com alguma dama canina...

! isto não é nada para desprezar para um galá de alta estirpe...



Junto do carrinho da sua dona, parálitica, «Mitzie» lança olhares inteligentes aos transeuntes. Ele e a dona adoram a música.



Dois elegantes galgos russos concedem em «posar» para o fotógrafo. A dona, entre eles, sente-se orgulhosa.



Sempre alerta e cheio de vigor, aqui está «Ktss», um alto e fortíssimo Gran-Danois.



Estes dois «cavalheiros» foram apanhados de surpresa pelo indiscreto fotógrafo durante um acto do seu passeio higiênico.



«Baby», distintíssima cadela «setter» irlandesa, tem a mania de querer levar o dono à parede. Desde pequena, é uma entusiasta da «luta de tracções»...



Esta é a mais infeliz das caucilinhas, pois a dona anda sempre apressada. Nem há tempo para uma paragemzita. E, numa rua arborizada, isso é a pior das torturas!



Éis um casal de «terriers» de York-shire. São muito sociáveis. Num passeio matinal, ao voltar da esquina há sempre tempo para «dois dedos de conversa», principalmente quando se tem um dono falador...

**UM CASO DE
SEMELHANÇA
FLAGRANTE**



Tommy Dorsey em dois dos seus filmes mais aplaudidos

TOMMY DORSEY

**ESTÁ EM LISBOA NA PELE
DE UM PORTUGUÊS E NÓS
OUVIMOS O AMERICANO
ATRAVÉS DO TELEFONE**



Outras duas atitudes que mostram a flagrância da semelhança. Em cima está o João Manso.

SIM, estimados leitores... A «Vida Mundial Ilustrada» val apresentar-lhes um desses casos estranhos da semelhança...

A primeira vista, todos diriam tratar-se de Tommy Dorsey...

Pois aqui têm um dos componentes da Orquestra Sousa Pinto. O seu nome — João Manso.

Desde as melodias cálidas de Harry Warren e Glenn Miller, às composições frenéticas de Cole Porter e Jerome Kern, às sinfonias bárbaras de Sonny Dunham e Billy Strayhorn, João Manso todas tem sabido interpretar com verdadeira prática de artista consagrado.

Uma destas tardes conseguimos falar-lhe... E, quando lhe dissemos as razões porque o procurávamos, Manso não pôde conter um sorriso:

— Vocês têm uma imaginação fantástica...

Dissemos-lhe, então, que os nossos leitores gostam do inédito e do imprevisto, e João Manso voltou a sorrir — o que significava que podíamos começar:

— Apresente as suas credenciais, Tommy Dorsey português!

— Bem vê... um Tommy Dorsey português, mesmo que o seja só na semelhança física, não pode interessar grandemente. Enfim, aqui tem: estive na Casa Pia, onde toquei na respectiva Banda, passei depois para a Orquestra Paris, mas a sua carreira não foi muito longa... Eu não conhecia inda bem o ambiente... Desaninei bastante com a estreia... Em todo o caso, estive depois como trombone privativo em várias orquestras. E foi a partir desta data que comecei a trabalhar como profissional. Abandonei o género ligeiro e estive como componente do «naipe» de violinos e violetes da Orquestra Sinfónica Nacional.

— Foi, então, o seu melhor triunfo...

— Esse ainda não chegou, mas

olhe que a Casa-Pia é uma grande escola... Aprende-se lá muito.

— Mas já não está na Emissora, não?

— Só lá estive um ano. Transitei depois para a Orquestra Carvalho dos Santos e, agora, estou na Sousa Pinto, que contracenou já com o famoso solista cubano Justo Barreto. E tocámos no Coliseu do Porto, nos Programas de Variedades da Emissora Nacional e no grande Concurso «Swing» da Feira Popular...

— Qual o género de composição que prefere?

— O americano... É o meu elemento. Prefiro o sincopado.

— E compositores?

— Todos os americanos... Como arranjadores, destacarei Sy Oliver e Jerry Gray.

— Orquestras?

— Talvez as de Woolly Herman, Count Basie e Cab Calloway.

— Como trombonista?

— Glenn Miller e Tommy Dorsey, de recorte mais melódico. Mas Jack Tiengarten é, nomeadamente, aquele que mais se destaca dentro da minha sensibilidade.

— Gostaria de vir a dirigir uma orquestra?

— Confesso que a idéia não me

desagrada inteiramente... Como trombonista, gostaria de correr o risco dessa responsabilidade. Mas, lá chegaremos a seu tempo...

E reforçando a afirmação:

— Quando a Orquestra de Benny Goodman alcançou o pedestal da celebridade, muitos nomes apagados foram ter com ele... Harry James, Artie Shaw, Gene Krupa, Jack Tiengarten, Jimmy e Tommy Dorsey... Foram eles a alma do famoso Goodman. Pois, presentemente, todos dirigem orquestras... Só Tommy Dorsey tem locado para mais de cinco milhões de soldados.

E, como se subitamente estivessemos a falar com o próprio Tommy Dorsey, a conversa mudou de rumo e João Manso falou-nos do seu camarada americano:

— É uma cifra respeitável de que nem todos poderão gabar-se... Os feridos de Guadalcanal ouviram-lhe as melodias dos filmes. E, vendo bem, é este o melhor prémio que podem dar a um músico: aliviar os males alheios, proporcionando a todos o conforto moral e um pouco de alegria...

— Tem razão, João Manso, e muito

(Continua na pág.18)



O Tommy Dorsey é o da esquerda. À direita está o João Manso

DEBAIXO DO FOGO!



FOI revelado, recentemente, que os Serviços Cinematográficos do Exército Britânico tem, em funcionamento, só na Europa, para cima de 300 cinemas ambulantes. Com as primeiras divisões, que puseram pé na Normandia, na madrugada do dia D, desembarcaram as unidades móveis que asseguraram não só o funcionamento regular desses espetáculos, como ainda a renovação dos programas, reparações de aparelhagem, etc.

Na Itália — segundo informações oficiais — há para cima de cem destes cinemas. E alguns dos filmes foram exibidos em circunstâncias dramáticas, como aconteceu na testa de ponte de Anzio, onde doze pessoas representavam uma lotação esgotada, sob uma tenda de precárias dimensões, e com uma platéia constituída por latas de gasolina vazias, ao fragor das detonações abafava, por vezes, completamente — diz-nos uma testemunha ocular — a música e os diálogos do filme.

Em França, os «ambulantes» chegaram a dar espetáculos a um quilómetro de distância do inimigo. E através de mil perigos, as imagens animadas dos mais recentes filmes de entreecho, exerceram a sua função de distrair os homens do horror da guerra. «Após cada sessão — declarou um capitão militar — o moral das tropas era outro. O tédio, o «spleen», a má-vontade, desapareciam como por encanto. Um filme tinha por vezes mais força do que todas as exortações».

A América compreendeu, desde a primeira hora, que o cinema, junto dos homens de terra, mar e ar, era um elemento vital para o esforço de guerra. E, assim, todas as grandes firmas cediam gratuitamente cópias dos seus filmes, com destino às diversas frentes. Como muitas das aparelhagens em serviço no ultramar são de formato reduzido, as empresas tomaram sobre si a iniciativa e os encargos de fazer versões em 9 e 16 milímetros dos melhores filmes de entreecho.

O cinema, como tónico e sedativo, teve junto dos que lutam uma influência perseverante e decisiva. Espectáculo das multidões, não deixou de estar em contacto com os soldados de todas as armas. Foi o seu companheiro directo. Levando-lhes as imagens da Paz, o encanto de lindas mulheres, a alma e o espírito das pátrias distantes, incitou-os a apressar a vitória, como meio mais rápido do regresso aos lares e à paisagem natal.

O cinema, na frente, como nas rect-guardas, dentro ou fora das próprias fronteiras, continua a ser a Sétima Arma — uma arma que não mata, mas tão eficiente como as outras, que construíram a vitória. Na actual conflagração, foi para o soldado o que o cigarro representava na outra guerra: o único meio de sonhar.

(Continua na pág. 18)

1... 2... 3...

...Pela mão de Esther Williams qualquer de nós seria capaz de saltar para a água, mesmo sem saber nadar... Mas Red Skelton está hesitante, pelo menos a julgar pela atitude, muito pouco académica.

Esther Williams, campeã de natação, veio para o cinema pela mão de Mickey Rooney — e depressa conquistou uma posição invejável. Vamos vê-la, para o ano certamente, em «Bathing Beauties», título que nos evoca os velhos tempos do cinema e o grupo de belidades, em fato de banho, de Mack Sennett.



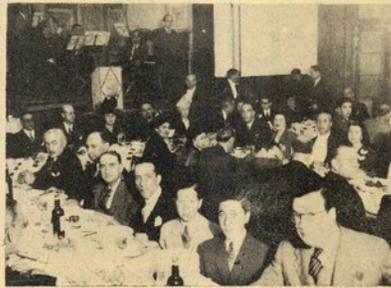
IMAGENS da guerra. Irene Dunne escreve uma carta a seu marido — o Dr. Francis Griffin — cuja foto se vê sobre a secretária, e que hoje se encontra, algures no Pacífico, nos Serviços de Saúde do Exército dos Estados Unidos. Esta situação, que o cinema tantas vezes nos tem apresentado, repete-se, na vida, com todas as vedetas de cinema, autênticas «viúvas de guerra», aguardando o termo das hostilidades para assistirem ao regresso ao lar dos maridos ausentes!

“VIÚVAS DE GUERRA”





O 1.º almôço de confraternização de «Os Carlos» realizou-se no restaurante «Coq d'Or» a 4 de Novembro de 1931



«Os José» reuniram-se para o seu primeiro repasto na «Casa das Betras» no passado dia 18 de Março



Os «Fernandos de Portugal» realizaram a sua primeira festa de confraternização no «Rádio Continental» em 24 de Fevereiro passado



PROCURAMOS os directores dos grupos onomásticos já constituídos para que nos transmitissem alguma coisa da sua actividade, mal compreendida por muitas pessoas que, esquecendo o alto benefício desses grupos, teimam ainda em ver neles uma manifestação de «pirismo», género sociedade de recreio—o que, evidentemente, não corresponde à verdade. Assim, ouvimos, pela ordem cronológica da sua fundação, os dirigentes desses grupos:

...OS CARLOS ABRIRAM O CAMINHO HÁ 14 ANOS

Uma casa acolhedora, muitas fotografias pelas paredes; quatro Carlos funcionários do Grupo dando conta do expediente, e o venerando Almirante Gago Coutinho, presidente honorário.

Carlos Ornelas—o n.º 1 dos Carlos— responde: —O Grupo foi fundado por mim e nasceu a 4 de Novembro de 1930. Teve a sua primeira reunião no antigo «Coq d'Or», à Rua de Serpa Pinto, restaurante que hoje já não existe.

—Quais foram os primeiros Carlos?
—Carlos Mega, Carlos Mendes da Costa, Carlos Reis, Carlos Barral Filipe, Carlos Leal, Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos Afialo, e os falecidos: Capitão Carlos Veioso, Capitão Carlos Chaves Costa e Carlos Cardoso.

—Com respeito a realizações...
—No terceiro ano após a fundação distribuímos 1.000 escudos por Carlos desempregados e doentes e empregámos nove. No 6.º ano, já com 2.000 sócios, apadrinhámos crianças nascidas a 4 de Novembro, às quais oferecemos os enxovals.

—Houve também uma campanha de amparo moral e financeiro a todos os Carlos necessitados, não foi assim?

—Exacto. Depois, a nossa acção não parou: distribuímos 3.900 escudos pelos pobres e Carlos

17.000 PESSOAS ESTÃO INSCRITAS NUM MOVIMENTO FILANTRÓPICO DOS GRUPOS ONOMÁSTICOS

CARLOS, JOSÉS, FERNANDOS E MARIAS...

DEPOIS SURTIRAM OS JOSÉS...

necessitados. Já no 14.º ano atingimos 6.000 sócios e começámos distribuindo subsídios a presos e hospitalizados. Gastámos 6.000 escudos na compra de aparelhos para doentes e demos 10 contos de donativos...

E Ornelas acrescenta num sorriso de íntima satisfação:

—...e temos presentemente todos os Carlos, sócios, colocados.

—Fala-se muito num grande empreendimento do Grupo...

—Sim. Comprámos em Mem-Martins 40.000 m² de terreno para construir a «Casa dos Carlos», onde poderemos dar, em breve, abrigo e o conforto dum lar àquelles que se quiserem acolher sob o seu teto. Nas proximidades, a «Vila» dos Carlos, também será um facto.

—E para essa interessante realização contam com...

—Os nossos actuais 8.000 sócios, amigos da colectividade, e a prestimosa Comissão Pró-Casa dos Carlos, que lançou a iniciativa das «cadermetas de tijolos», através das quais toda a gente pode contribuir para a nossa obra com um mínimo de 50 centavos.

—Todos os sócios têm correspondido e colaborado convosco?

—Absolutamente. Temos organizações comerciais que nos requisitam os empregados que precisam, porque sabem que também exigimos aos Carlos um certificado de garantia para, por nossa vez, tomarmos a responsabilidade pelo seu porte.

—Uma organização em forma—atalhamos.

—Nem de outra forma seria possível realizarmos a nossa obra, pois contamos com Carlos de todas as categorias e em todas as camadas sociais. Há 3 anos que trabalhamos sob a presidência do sr. Carlos Empis; a nossa acção estende-se a todo o Portugal e temos também sócios em Espanha, França, Brasil e América do Norte. Já vé...

—São catorze anos de trabalho profícuo e bem orientado...

—Sob a divisa: «Os que têm para os que nada possuem».

COM O APARECIMENTO DOS «FERNANDOS» CRIOU-SE O MOVIMENTO ONOMÁSTICO

Falámos depois com o sr. dr. Fernando Lacerda, distinto oftalmologista e presidente da Comissão Organizadora dos «Fernandos de Portugal», que nos disse:

—Eu lhe conto: um dia Fernando Almirante Vale tendo tido ocasião de conhecer a organização dos «Carlos», resolveu chamar a si os 18 Fernandos existentes na Vacuum e com uma centena de outros que convidou, através de amigos seus, reuniu-os a todos no «Vacuum Clube» e dali partiu a organização. Fêz convites prévios, e logo nessa noite ele apresentou um programa e fez eger uma Comissão Organizadora. Eu fui um dos convidados, o Eng.º D. Fernando de Castelo Branco, a Prof. Fernando Carique dos Santos e outros senhores vieram também e começaram a trabalhar.

—Quantos sócios inscritos até hoje?

—Mil quatrocentos e cinquenta, entre os quais o dr. Fernando de Freitas Simões, bastonário da Ordem dos Médicos, e mais duas dúzias de Fernandos que começam também a chegar, e entre elas a ilustre poetisa sr.ª D. Fernanda de Castro Ferro, segundo me afirmaram...

—Entretanto, pode notar: o nosso Grupo cultural e Filantrópico conta actualmente agremiados 4 professores, 11 médicos, 4 advogados, 10 engenheiros, 5 jornalistas, 5 músicos, 4 arquitectos e 7 oficiais do nosso exército, já não falando na larga representação de proprietários, comerciantes e grandes industriais.

—No capítulo de realizações, pouco ainda, não é assim? Com 5 meses de fundados...

—Alguma coisa se tem feito, meu amigo... Já realizámos a nossa primeira festa de confraternização—modesta, é certo—mas, enfim, mais vale pouco do que nada; temos uma pequena biblioteca e já criámos a nossa secção de assistência aos desherdados, que está promovendo o cadastro dos Fernandos necessitados e auxiliando outros.

—Quantos sócios, sr. Prof. José Simões Lopes, no Grupo dos «José»?

—Três mil e seiscentos!—responde, solícito, o nosso entrevistado, o José n.º 1. Chegam propostas aos meios centos todos os dias. Temos já quatro José a trabalhar como empregados, porque o expediente é muito e aumenta sempre. Depois da nossa última festa e do aparecimento dos dois primeiros números da nossa «Circular», a propaganda foi grande, e como José há muitos...

—A vossa organização está já oficializada?

—Sim. Já temos o nosso alvará com data de 14 de Março passado, e uma nova direcção de que fazem parte os srs. drs. José Vaz de Almada, Mendes da Fonseca e Ferreira dos Santos; eu, José Pedro Cândido e José Ferreira da Maia Júnior.

—Projectos, muitos?

—Há sempre. Uma sede própria na Rua de S. José, a criação da aldeia dos «José» e a protecção cada vez maior a todos os José desprotegidos da sorte. Já realizámos dois bodos, e já festejámos o nosso padroeiro S. José com o tradicional almôço de confraternização, a que compareceram perto de 300 convivas.

...E AS «MARIAS DE PORTUGAL», NA VANGUARDA FEMININA

Na sede provisória da Rua do Vale a Jesus, a sr.ª D. Maria José Pinto Ferreira—a Maria n.º 1—rodeada das senhoras da Comissão Organizadora, da qual fazem parte as sr.ªs Dr.ª D. Maria da Glória Simões Raposo e D. Maria Luiza Palma Carlos, a actriz D. Maria Matos, D. Maria Emilia Marques Caldeira, D. Maria Júlia de Almeida Santos e outras prestimosas colaboradoras, fala à «Vida Mundial Ilustrada»:

—Fui eu da iniciativa da criação do Grupo das «Marias de Portugal», e hoje tenho a grande satisfação de ver que, com o auxílio magnífico que me têm dado estas senhoras, já conseguimos 800 associadas, o que é ainda pouco se atendermos que há tantas Marias na terra...

—De vagar se vai ao longe...

—Também é verdade; mas estamos ansiosas por cumprir o nosso programa filantrópico. Queremos criar uma Escola de Donas de Casa para tornar

(Continua na pág. 16)



A fundadora e sócia n.º 1 das «Marias de Portugal», sr.ª D. Maria José Pinto Ferreira



Onde arrumar, agora, tanta coisa?

O REGRESSO DE SATANELA SOFRI MUITO

MAS AGORA SINTO-ME ENCANTADA
POR ESTAR DE NOVO EM PORTUGAL!

NUM quarto do hotel, em Lisboa, às 11 horas da manhã. Batemos—uma cara conhecida abre-nos a porta, e a voz de Satanela convida:

—Faz favor...

No primeiro relance, reparámos que o Brasil não apagou o fogo comunicativo daqueles olhos, e que a artista é bem a mesma que já não víamos há tantos anos. Logo que entrámos, porém, a balbúrdia daquele quarto impressionou-nos: malas, chapeleiras, maletas, sacos de viagem—uns abertos e outros por abrir, quasi impediam o trânsito.

Ela sorri e esclarece:

—Chegou há pouco da Alfândega, e estava justamente a tentar ordenar tudo isto...

Prontificámo-nos a ajudá-la. Riu e ofereceu-nos uma cadeira. E enquanto acendia um cigarro, perguntámos:

—Porque voltou?

—Saúdaes, meu amigo, muitas saúdaes! Ful muito infeliz no Brasil. Aquilo é belo, a gente é boa, é nossa amiga, e não tenho que queixar-me do ponto de vista artístico. Mas, pessoalmente, sofri muito, sofri demais...—os belos olhos de Luisa Satanela umedecem-se de lágrimas, brilham de dor.—Nem você calcula... Enfim, devo ter muitos pecados cometidos para ter pago tão caro alguns triunfos... O Brasil é um país magnífico para ser visitado; mas não é a nossa terra...

—A «nossa»?

—Bem sei que sou italiana de nascimento. Verdaderamente quasi me tinha esquecido disso, país aqui vivi desde os quatro anos; aqui cresci e me fiz mulher, e aqui tive os grandes afectos da minha vida... Mas, no Rio, lembraram-me que eu era italiana: foi quando o Brasil entrou na guerra... E lembraram-me de uma maneira que nunca esquecerei: despediram-me do emprego que eu tinha, e onde estava ganhando a minha vida...

Satanela interrompe-se na sua dolorosa recordação. Nós arriscamos:

—Então, e os contratos?...

—Eu não tinha contrato, nessa altura: era directora artística de um

Casino, no Rio. E fui despedida sem qualquer formalidade, sem qualquer indemnização. Pura e simplesmente, despedida. Moralmente, e materialmente, veja o que isso representa... Que culpa tinha eu de ter nascido onde nasci?

—É a guerra...

—Será, meu amigo... O que sei é que foi dolorosíssimo. E só então me arrependi de nunca ter ligado importância à minha naturalização—e, animando-se subitamente—Ah! Mas agora é das primeiras coisas que vou fazer: naturalizar-me portuguesa!...—e, após uma pausa:—Nós não vamos para a guerra, pois não?

Fizemos um ar tranquilizador, embora não tenhamos sobre o assunto qualquer idéia—e inquirimos:

—Está contente por ter regressado?

—Contentíssima! Tive mil dificuldades com os papéis, os documentos todos que me foram necessários para poder embarcar; mas venci, por fim, e aqui estou, em Lisboa!... Só me custou ter de deixar lá a minha irmã; mas tenho fé que não há-de começar 1946 sem ela cá estar. Fuma?...

Aceitamos o cigarro e pergunta-mos:

—Projectos?

—Muitos, muitíssimos. Mas, por agora, preciso descansar, curar-me. Venho doente, fatigada, e estou magríssima...

—Mas isso é elegante...

—Não diga! A magreza, quando já não se é criança, é uma coisa assustadora. Para os olhos e para a saúde...

Aquêle «não diga» de Satanela chamou-nos a atenção para o brasileiro profundamente carioca da linguagem da nossa entrevistada. Fizemos um reparo a esse respeito, e logo ela, como enervada:

—Pois é! Mas que quere você? Tantos anos a lidar com eles... Se dizemos «põe aí», não percebem; é preciso dizer «bota aí»... E, a pouco e pouco, uma pessoa vai-se acostumando, não há outro remédio... Se ouvisse a Beatriz e a Maria Sampaio, e todos os outros que lá estão... lá estão...

—Falam... brasileiro?

—Pois claro! Mas eu conto perder em breve este sotaque... Até para evitar complicações internacionais: assim, sou uma italiana, portuguesa pelo coração e brasileira pela linguagem... É muito complicado. Quero ficar toda portuguesa!

—Não tem, então, saúdaes do Brasil?

—O Brasil é um país encantador, e sofri lá muito. Bem sei que a terra, e até certo ponto a gente, nada terão com isso... Mas, se lá voltar, será numa «tourné» curta... Ainda me parece mentira ter chegado cá! Calcule que quando vi o Bugio, armei em menina histérica, e desmaei!... É quasi ridículo, não acha?... Depois, o barco atracou e não vi ninguém... Senti-me profundamente triste e decidi não sair de bordo sem ter visto uma cara amiga. Pedi o «Diário de Notícias», li a secção teatral e, entretanto, chegou a minha Maria José, e o Amarante, e o «deck» encheu-se de gente conhecida que me abraçava—em poucos minutos estavam ali jornalistas, artistas e amigos meus... Se eu soubesse que tinha tantos, e tão bons, e tão carinhosos, garanto-lhe que nunca de cá teria saído... Só agora é que começo a compreender bem muitas coisas que não entendia...

—E artisticamente, que tal se deu por lá?

—Artisticamente, o melhor possível. Bons contratos, bom público. Claro, não é o nosso público, o meu público de Lisboa e da provincia... Só quando representava coisas portuguesas é que me sentia cá, porque o teatro se enchia dos nossos compatriotas... Posso dizer «nossos», não é verdade?... Mas o caso do teatro brasileiro é um caso muito sério; colcule você que uma capital como o Rio, em plena época, tem apenas seis teatro a funcionar! A Rádio rouba os artistas teatrais e o cinema rouba os teatros. É difícil conseguir-se um elenco bom para uma companhia de comédia, quer no Rio quer em S. Paulo, onde só funcionam dois teatros, imagine!... As sessões de cinema começam ao meio-dia e prolongam-se até à meia noite, e os postos emissores começam a radiodifundir comédias com belos elencos... às 10 da manhã! Não, decididamente estou encantada por cá ter chegado, por cá estar!

E, à despedida, com a sua irradiante simpatia, essa simpatia que conquistou Lisboa inteira e a impôs à incondicional admiração do público. Satanela pediu-nos:

—Não deixo de dizer que me sinto feliz por ter voltado...

M. L.



Um momento. O melhor é descansar...



Foi assim que o comandante do 8.º Exército conquistou os soldados que haviam de conquistar o inimigo na Tunísia, no Egípto e na Líbia.



Montgomery — o próprio, dinâmico e optimista

elevado espírito combativo. Era esse, por exemplo, o caso da 50.ª divisão de infantaria britânica, da 4.ª divisão indiana, da 9.ª divisão australiana, da 1.ª divisão sul-africana, da divisão neo-zelandesa e das divisões blindadas britânicas, a 3.ª e a 7.ª.

Além destas unidades de «élites», encontravam-se encorporadas no 8.º Exército outras formações de diversas origens: uma brigada grega, que estivera a ser especialmente adestrada no Próximo Oriente, um contingente relativamente numeroso de franceses livres e corpos blindados independentes indianos e americanos. Esta variedade não excluía uma coesão notável, a qual se afirmara durante o período de preparação intensiva a que o 8.º Exército fora sujeito.

As remessas de material, especialmente os famosos «tanks» Sherman e Grant, aos quais seria confiada a missão de defrontarem o «Mark IV» alemão, não tinham deixado, entretanto, de ser desembarcadas nos portos do litoral africano ao longo dos três meses que tinham decorrido desde a queda de Tobruk. Tudo indicava que o 8.º exército reformado daria que falar de si e resgataria largamente os desastres do Verão.

UM EXÉRCITO NOVO A QUE CORRESPONDEM NOVOS CHEFES

A este exército novo, ou tão profundamente remodelado que bem podia falar-se, com propriedade, dum exército novo, deviam corresponder novos chefes. Estes haviam sido designados no momento culminante da crise, quando as guardas avançadas de Rommel se aproximavam vertiginosamente de Alexandria e o «Duces» se preparava para fazer a sua entrada triunfal que devia exceder, em muito, os limites das fronteiras do seu país.

Eram eles os generais Harold Alexander e Bernardo Montgomery. O primeiro assumiu o comando supremo de todas as forças britânicas que se encontravam em África e no Próximo Oriente. O segundo assumiu o comando do 8.º Exército. Ambos gozavam de excelente reputação nos meios militares do seu país. O primeiro era calmo e reflectido. Desempenhara um papel de primeiro plano em duas retiradas históricas: em Dunkerque e na Birmanlia. Como a

este estratégia das retiradas comportar-se na direcção suprema de uma ofensiva de grande estilo, tal como aquela que o Alto Comando britânico planeara?

Montgomery fazia um contraste impressionante com o seu chefe. Era comunicativo e pitoresco. Gostava de falar ao coração dos soldados, de estabelecer com eles um contacto estreito e permanente, sabendo que o homem, com a sua coragem e a sua dedicação total, continua a ser o melhor e o mais seguro instrumento de guerra. Os seus dons de afectividade tornaram rapidamente popular a sua figura, que mais tarde havia de conhecer uma celebração

HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

excepcional ao aparecer nas páginas dos jornais de grande informação e nos «écrans» dos cinemas de todo o mundo.

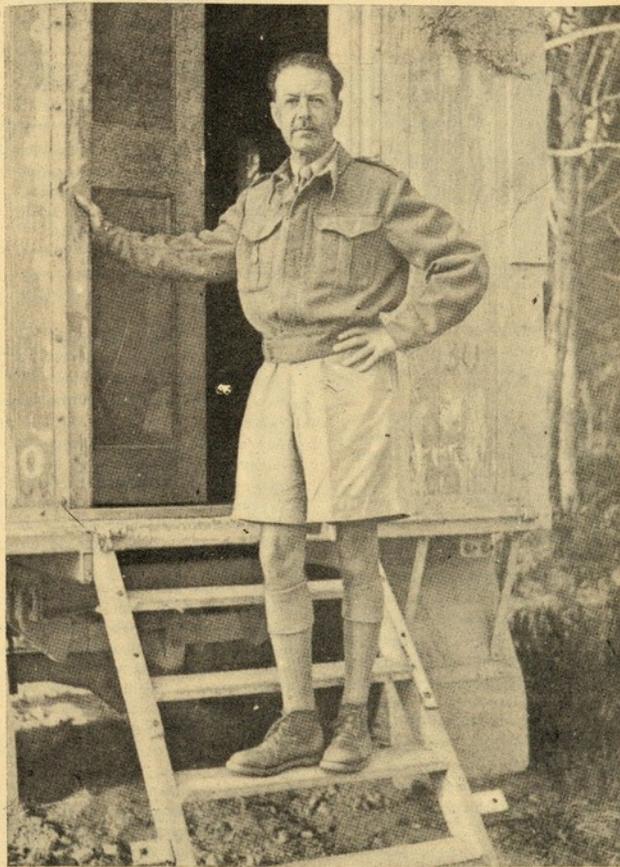
Se Alexander havia de se revelar o mais hábil general que a Grã-Bretanha produziu nesta guerra, Montgomery ia rapidamente tornar-se o mais conhecido e o mais eficiente, dado o seu dinamismo e dada, sobretudo, a sua aptidão especial para conhecer o pensamento do inimigo e tomar oportunamente as providências necessárias para impedir que ele fôsse pôsto em prática.

AS DIFICULDADES DA OFENSIVA

Estas tropas apareciam animadas por um ardor ofensivo verdadeiramente excepcional. Algumas delas tinham velhos reveses a redimir. Outras desejavam afirmar-se no campo de batalha e consagrar as suas esperanças em duelos espectaculosos a que a guerra de África especialmente se prestava. Mas a tarefa que lhes fôra cometida era, na verdade, terrível e de difícil execução.

Depois de ter realizado um espectacular avanço em direcção ao Nilo,

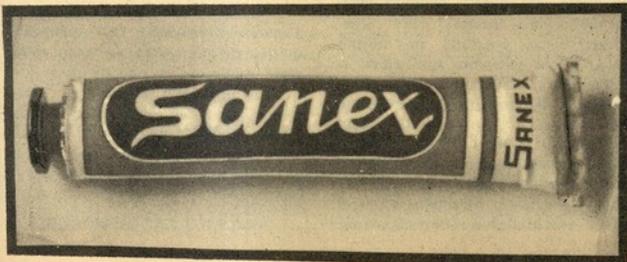
(Continua na pág. 18)



General «sir» Harold Alexander, comandante supremo de todas as forças britânicas em luta na África

NA noite de 22 para 23 de Outubro de 1942, o 8.º Exército britânico passou ao ataque que iniciou com uma violentíssima barragem de artilharia e um assalto aéreo às posições do inimigo. O 8.º Exército tinha sido poderosamente reforçado. As clareiras abertas nas suas fileiras pela campanha de Verão, que se traduzira por uma espectacular vitória das forças do Eixo, as quais se haviam aproximado do curso do Nilo, foram preenchidas. Ao mesmo tempo chegaram à África poderosos reforços, em homens e material. Entre as novas divisões que iam entrar em combate contavam-se algumas que, como a 44.ª e 51.ª de infantaria e a 1.ª blindada, vinham precedidas de excelente reputação.

Das unidades antigas, cujas fileiras se tornara necessário recompor em consequência das perdas que tinham sofrido no Verão, algumas eram constituídas por veteranos que se mostravam animados pelo mais



A TRÊS DIAS DO PORTUGAL-ESPANHA

O OPTIMISMO DE

TAVARES DA SILVA

CONTAGIA A TURMA NACIONAL

UMA TARDE NO ESTÁGIO, EM QUE SE FALOU DE:

UM DEFESA QUE AMANHÃ SERÁ GRANDE—AMARO, O MÉDIO QUE REGRESSA NA MELHOR OCASIÃO—BARROSA E MOREIRA, AMBOS TRANQUILIZAM—UM ATAQUE E UM PÉ ESQUERDO QUE PODEM DEIXAR VESTÍGIOS...—O PRIMEIRO QUARTO DE HORA DECIDIRÁ O JOGO—MAIS ALGUMAS COISAS QUE AUMENTAM A EMOÇÃO



NO domingo joga-se na Corunha, para inauguração do Estádio de Riazor, cuja lotação está esgotada há cerca de mês e meio, o XVI Portugal-Espanha, décimo-sexto pelas contas oficiais, e que por causa do critério a que nos submetemos com demasiada facilidade, continua a ser o encontro que nunca vencemos!...

Neste momento, a turma de Portugal, composta de dezasseis jogadores, já se encontra na Corunha.

Se a partida de 11 de Março despertou vulgar interesse em ambos os países, a de agora mobiliza todas as atenções. As circunstâncias em que se verificou o discutido empate, a inicial superioridade do grupo espanhol, traduzida em dois tentos, e a recuperação irresistível dos lusitanos, que só os não levou a ganhar o prélio porque a sorte do jogo foi madrasta, criaram em redor da pugna que no domingo se vai ferir, um ambiente de elevada temperatura!...

Mas como se tudo isso não bastasse, recorde-se ainda que os espanhóis têm declarado altisonantemente que vão ganhar pela certa e que a sua tática vai ser, desde o primeiro minuto, *ofensiva cerrada*; que o Comité Português de Selecção se demitiu em circunstâncias especiais num momento particularmente crítico e por motivos que o sentido da conveniência não permitiu ainda revelar ao público; que o «onze» de Portugal se formou, mau grado todas as sombrias perspectivas, num círculo de optimismo, só possível pelo temperamento do seleccionador nacional, que nem por um momento abandonou sinceramente a sua confiança, e que a manterá, por certo, até o apito do árbitro assinalar o último minuto.

Podemos afirmar que os seleccionados portugueses saíram de Lisboa

possuídos do maior entusiasmo e absolutamente confiantes das suas possibilidades.

Uma tarde passada com eles no Estoril, onde estiveram em estágio, por muita gente condenado e com larga dose de razão, deu-nos essa certeza. Hoje, as nossas palavras não têm o condão de os animar, visto que estas linhas só devem chegar à Corunha quasi à hora do jogo, ou depois dele realizado.

Portanto, estamos perfeitamente à vontade, para emitirmos qualquer opinião, sem receio de influenciar-mos.

Tavares da Silva, companheiro admirável da tarde que passámos no Estoril, conversou amena e despreocupadamente, fumando o seu tradicional e incomensurável charuto...

As impressões do treino que a equipa efectuara na manhã de quarta-feira, eram as melhores. Agradara-lhe em cheio!...

Não vamos aqui reproduzir na íntegra a conversa que tivemos. De resto, neste últimos oito dias, Tavares da Silva concedeu entrevistas em série...

Há, todavia, alguns pensamentos que consideramos curiosos, e que o público — no qual pensamos quando escrevemos, pois para ele escrevemos, apreciará. É que, no fundo, sempre são opiniões e idéias de um seleccionador nacional!...

—Na altura em que tomei posse do lugar, sem margem para mais experiências, pensei apenas que tinha um problema a resolver: a defesa! Azevedo e Cardoso, já se sabe, indiscutíveis. Para a disposição que eu pretendia dar à defesa, precisava de um «back» direito que me permitisse pôr Cardoso no centro, a encarregar-se de Zarra. O sportingista adaptou-se facilmente, mas faltava-lhe o companheiro para a direita. Vasco será futuramente, quando souber, um defensor de categoria. Por ora é cedo, mas a experiência a que foi

submetido em nada o prejudicou, pelo contrário.

—De forma que...

—Cardoso ficará à direita. A esquerda, não haverá surpresas se for o Feliciano. Decidirei, no entanto, em face do que vir e souber quando chegar à Corunha.

—Nos médios...

—Olha, meu velho. Nos médios, Amaro é um mestre. As suas entregas de bola à frente são um primor. O Amaro é um jogador «internacional» que já recuperou fôlego e que se porventura lhe faltasse saberia defender-se sem dar nas vistas... Francisco Ferreira, é ele mesmo. Não é necessário que seja mais. Creio que esta síntese diz tudo... Ao centro, o Barrosa será o atleta do costume, uma figura de combate, que não vira a cara à luta, com a garantia de sólidos amparos laterais. Se o Moreira tiver de alinhar, hipótese que não está excluída, eu ficaria igualmente tranqüilo.

—No ataque...

—Não tive preocupações. Repito: o problema do grupo para este encontro com os espanhóis era a defesa. O ataque requeria apenas uma distribuição de valores; uma vez eles juntos, cumprirão bem o seu dever...

—Excelente optimismo...

—Sómente aquele que me dá o conhecimento dos jogadores... Espírito Santo é o extremo direito que embaraça o adversário com facilidade. Claro que se eu pudesse contar com um trio central formado por Alberto Gomes-Peyroteo-Gomes da Costa, em quatro penadas decidir-me-ia o desafio. Mas Quaresma criou prestigio no último jogo. É um elemento que viveu o ambiente do Estádio Nacional. É o prestigio de um jogador entre os adversários tem uma importância excepcional! Dispense-me de falar em Peyroteo. Quanto a Gomes da Costa, apenas necessito que ele reedite, ligeiramente corrigidos, três remates executados no Porto-Sporting

e outros tantos no treino de quarta-feira da semana passada! Aquêles pés — o esquerdo principalmente — valem uma fortuna e serão uma «doença» para o guarda-rédes!... Cabrita e Catolino, se fosse preciso, solucionariam qualquer precalço inesperado. O algarvio, já hoje é um avançado-centro de fibra, e se não fosse existir um Peyroteo...

—Francamente esperançado no desfecho do prélio...

—Porque não? Os espanhóis anunciam *ofensiva cerrada*. Esplêndido. Todos ao ataque, vão por certo dar-me tempo a que eu possa ver como trabalha o do grupo português!...

Tavares da Silva sorri, sem largar o charuto...

A caminho de Lisboa, pensamos na alguns pormenores que em 11 de Março foram largamente debatidos. Por exemplo: as substituições. Continuarão a não existir! De fuga, Tavares da Silva declarou que não lhe interessava.

A bola que jogará o encontro será a espanhola, como no Estádio Nacional! Isso é que não se sabe, senão ao fim de quarenta e cinco minutos...

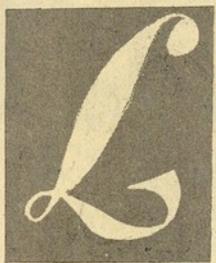
—Fiquemos por aqui. É que já uma vez nos criticaram pelo defeito de falarmos demasiadamente naquilo que é verdade!... Paciência. Somos como somos. Quem não gostar tem um recurso facilimo: vira a fôlha!

Antes do último ponto final, há uma opinião de Tavares da Silva, que não queremos deixar no esquecimento:

—Quanto a mim, o jogo com a Espanha resolve-se no primeiro quarto de hora. Val ser uma coisa séria — quero crer que furiosa!

Uma profecia? É possível. Desejamos que a ser assim, esses quinze minutos iniciais nos tragam o resultado a que passaremos a chamar a primeira vitória oficial contra a Espanha!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



L, há tempos, numa publicação periódica de cujo nome não me recordo, que a única portuguesa que, em Portugal, dirigia uma orquestra era Manuela Câncio Reis. Essa artista, cujo nome, até então, era completamente desconhecido para mim,

apesar de, há muito, me ocupar, também, com a actividade musical no meu País, não exercia, porém, o seu importante munus artístico à frente de grandes conjuntos instrumentais, limitando a sua acção — se a memória me não falha — à chefia de grupos de restrita projecção musical — tunas ou pequenas orquestras folclóricas, não sei bem — sem carácter de organizações permanentes e regulares. Fosse como fosse, o certo era que o articulista afirmava ser Manuela Câncio Reis a única chefe de orquestra de Portugal, o que, não sendo verdadeiro, poderia induzir em erro os leitores da publicação periódica em que o artigo, ilustrado com o retrato dessa artista ribatejana fôra dado à estampa. Tencionei, então, ocupar-me do assunto, proclamando a verdade, mas o tempo foi passando e, com êle, a oportunidade de explicar aos leitores da referida publicação periódica porque tinha na conta de indevido o título dado a Manuela Câncio Reis, que só mais tarde soube ser, também, distinta artista musical, notabilizada não só como chefe de orquestra, mas também como pianista e compositora.

Admitindo que Manuela Câncio Reis regia verdadeiras massas instrumentais e tinha o direito de ser considerada como a considerava o articulista que dela se ocupava, não era lícito chamar-lhe a única chefe de orquestra de Portugal, pois em Portugal já havia e ainda ha, além duma senhora cujo nome não me ocorre e que sei ser mãe da finada e talentosa cantora Felita Correia, uma senhora que, legitimamente, se arrogava e arroga o título honroso de *maestra*, se me é permitido empregar o feminino dum substantivo de origem estrangeira que só aos chefes de orquestra do sexo masculino é de uso aplicar. Todavia, porque nem Manuela Câncio Reis nem a mãe de Felita Correia — que me conste — regeram, alguma vez, uma grande orquestra sinfónica, não receio conferir o título que, até certo ponto, impugno àquelas minhas compatriotas — a quem, todavia, não recuso o meu respeito nem a minha consideração — a outra portuguesa, essa bem conhecida, por certo, de quantos, em Portugal, se interessam pela música.

Berta Alves de Sousa, filha de pai português, o médico dr. João Alves de Sousa, e de mãe alemã, tornada portuguesa pelo matrimónio, não nasceu no Pôrto nem em Portugal, mas, porque vive no Pôrto desde a infância e aqui tem desenvolvido a sua principal actividade artística, pode ser considerada tão portuense como sua irmã, a conhecida violinista Leonor Alves de Sousa, solista da Orquestra Sinfónica Nacional e, sem dúvida, a mais notável das nossas instrumentistas da especialidade.

A ÚNICA DIRECTORA DE ORQUESTRA DE PORTUGAL NA ACTIVIDADE, VIVE NO PORTO

A *maestra* Berta Alves de Sousa, que os auditores de rádio-telefonía conhecem, sobretudo, como pianista, pois, por intermédio da nossa estação emissora oficial se tem feito, algumas vezes, ouvir, constitue um caso invulgar de vocação musical. Além de directora de orquestra e pianista, é, também, compositora e crítica. Foi, porém, na regência de orquestras que se notabilizou mais, embora, como é óbvio, uma regente, num país em que não se concebe muito bem que uma mulher possa comandar homens, não logre, facilmente, a popularidade de qualquer *maestro* digno deste título. Exercendo as delicadas funções do comando com singular apuro, Berta Alves de Sousa tem sabido e podido conquistar a simpatia e a admiração dos seus dirigidos e dos seus ouvintes. Estudando e aperfeiçoando a sua arte de reger no Instituto de Música para Estrangeiros, em Berlim, onde foi discípula do famoso *koncertmeister* Clemens Krauss, praticou, ali, com uma das mais categorizadas orquestras sinfónicas da Alemanha. Sempre que rege, põe à prova todos os seus recursos de energia, distinção, conhecimento das obras tocadas e dos instrumentos que as tocam — e é inegável que, algumas vezes, o seu trabalho de regência pode cotejar-se com o dum *maestro*.

Como pianista, Berta Alves de Sousa, que é apaixonada e admirável intérprete de Chopin, tem um *curriculum vitae* que a impõe, também, à simpatia e à admiração dos nossos musicófilos. Tendo frequentado, na França, o curso de interpretação do famoso pianista Alfred Cortot, recebeu ensinamentos de mestres do teclado como Georges Migot, laureado compositor francês, Th. Szanto, membro do júri do Conservatório de Música de Paris, e Wilhelm Backaus, intérprete maravilhoso de Bach e Beethoven. A viúva do célebre compositor e pianista Ferruccio Busoni, o egrégio pianista Thalberg, Virgínia Suggia, irmã de Guilhermina Suggia, uma das maiores violoncelistas do mundo, e outras figuras eminentes do mundo musical contactaram, pedagogicamente, com Berta Alves de Sousa, propiciando, o mais possível, a carreira pianística nesta artista que, por mais de um título, honra Portugal musical.

Aluna, no Pôrto, do mestre Moreira de Sá e mestre Luís Costa, distinguiu-se, ainda muito jovem, pelo seu pendor para o piano.

Na composição, teve, também, a minha illustre compatriota o seu talento criador. Entre outras obras favoravelmente acolhidas pela crítica e pelo público, salienta-se os poemas sinfónicos «Vasco da Gama», «O jovem rei» e o «Auto de São João de Landim», que abonam um processo e uma inspiração dignos de encómio.

É esta, nas suas linhas gerais, a personalidade de Berta Alves de Sousa, que, tendo regido grandes orquestras sinfónicas, faz jus ao título de *maestra* — e, enquanto outra portuguesa não empunhar, como ela, a batuta da regência, deve ser tida e havida como a única directora de orquestra de Portugal. Pena é que não se dê a esta artista a protecção que merece e a que tem direito, pelo seu esforço, pela sua competência, pela sua devoção à arte que serve — e pela sua obra.

Quando se lhe fará justiça?

HUGO ROCHA



Berta Alves de Sousa, a única «maestra» portuguesa, é uma das mais distintas artistas de Portugal — que Portugal, insuficientemente, conhece.

CORPO SÃO — PARA A ALMA Sã...



É sobre a população infantil e, desta, a escolar, que incidem os cuidados do mundo médico para preservação da saúde americana.

A SAÚDE

NUMA CIDADE AMERICANA



Como se vê, os miúdos submetem-se docilmente a todas as «vicissitudes»...



Os números têm uma eloquência decisiva, e a ciência produz autênticos milagres, que esses números se encarregam de resumir em sínteses arripantes ou consoladoras — conforme os casos. Assim, se compararmos o número de mortes e mutilados na guerra das grandes batalhas da Antiguidade com o verificado nas batalhas modernas, é verdadeiramente arripante a intervenção da ciência aplicada às desavenças entre os homens. Mas estes números que temos aqui, sobre a nossa mesa de trabalho, fazem parte daqueles que apetecem registrar como provas consoladoras dos milagres obtidos pela ciência: no ano de 1914 registaram-se, em Nova-York, 17.129 casos de difteria, sendo mortais 1.941 desses casos e no ano de 1942, nessa mesma cidade, cuja população aumentara já para sete milhões, registaram-se apenas 392 casos, dos quais somente 7 foram mortais. Apesar do extraordinário aumento de população, aquela doença endêmica, em oito anos, desceu 17.129 para 392, e de 1941 mortes para 7! Como se conseguiu este milagre?

O segredo reside no cuidado que ao Estado norte-americano merece a saúde do indivíduo, e no dispêndio e interesse que esse mesmo Estado desvia para o fim da saúde pública. Vejamos: em Otisville, ao sul de Nova-York, existe, mantido pelo governo municipal daquele departamento, uma herdade que abrange uma área de 200 acres, e que é servida por biólogos, veterinários, preparadores de laboratórios, lavradores e trabalhadores, cuja ocupação é aparentemente bizarra: cuidam, da melhor forma possível, com todos os cuidados e atenção, da «saúde» de muitos milhares de ratos, rãzanas, cobaias e coelhos, além de um numeroso rebanho de ovelhas e de uma centena de cavalos.

Os cuidados que estes animais merecem aos cientistas e aos tratadores, produzem mais tarde os seus efeitos, na espantosa diminuição de casos de doenças entre as pessoas.

(Continua na pág. 18)



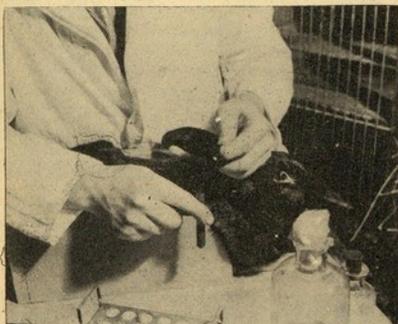
Entretanto, os adultos também se sujeitam a tratamentos preventivos, pois só assim é possível salvar das graves percentagens epidêmicas uma população saudável.



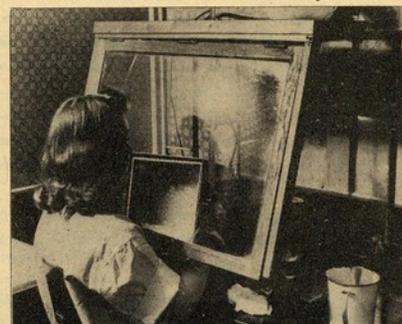
A população de cor também tem a sua organização de combate à doença. Aqui está um negro disposto a sujeitar-se à picada. O médico e a enfermeira são seus irmãos de raça.



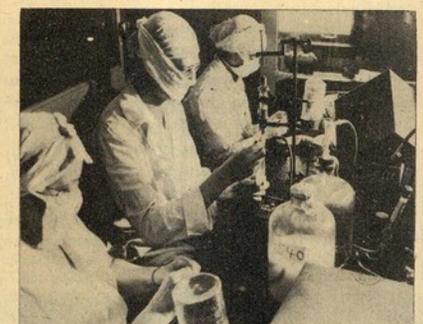
E estes? São habitantes do bairro japonês, cuja população, transportada de outros climas, parece mais sensível às contingências do mundo social americano.



Nos laboratórios, as cobaias e os coelhos são os «inocentes sacrificados à experiência da ciência».



É nesses laboratórios que a mocidade americana trabalha, no sentido de refazer uma América possivelmente enfraquecida na «front».



Os soros das vacinas são, aliás, preparados quasi exclusivamente por mulheres, como se vê na foto aqui junta.



ESTÃO DE PARABÉNS OS ARQUEÓLOGOS!

VAI REAPARECER UM ANTIGO TEATRO ROMANO, EM FOURVIERE, PERTO DE LYON



O anfiteatro e uma das suas escadas de acesso, perfeitamente conservados.

a

S fotos que ilustram esta página mostram vários aspectos dos trabalhos de escavações realizados em França, num local próximo da cidade de Lyon, chamado Fourviere. Aí foi edificado pelos romanos um teatro, no estilo inconfundível da sua arquitectura. O que é interessante é que não era esse o objectivo dos trabalhos de escavações. Uma missão científica localizara naquela região o antigo Anfiteatro dos Mártires. E foi restituí-lo aos tesouros identificados ao fim desses trabalhos. A meio destes, porém, verificou-se que não se tratava do referido Anfiteatro, mas sim de um teatro construído pelos romanos, com um diâmetro de 108 metros e lotação para dois mil espectadores. Este edifício sumptuoso, cuja existência se ignorava em absoluto, pode comparar-se, sem desprimor, com os famosos teatros de Arles e de Orange, de Viena e de Autun. Ao mesmo tempo que a cultura fica enriquecida com esta monumental descoberta, continua ainda por localizar o célebre Anfiteatro dos Mártires, onde, como o seu nome indica, eram atirados aos leões e a outros animais ferozes os desgraçados que incorriam no desagrado dos senhores.

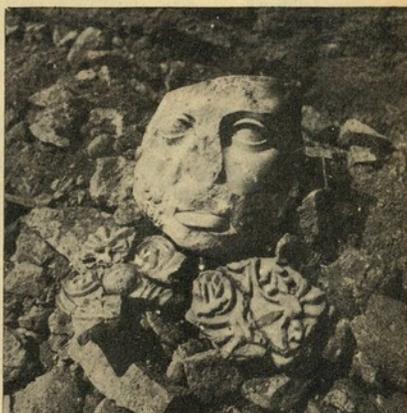
Os parabéns aos arqueólogos pela inesperada e deslumbrante riqueza que surgiu nas pontas das picaretas dos humildes cavadores de Lyon.



Vista geral do anfiteatro e da orquestra. Ao fundo, à esquerda, o palco.



Vista geral do dispositivo do pano à boca de cena, que, ao contrário dos teatros modernos, descia no princípio da representação e era levantado no entre-actos.



Uma máscara e alguns fragmentos das antigas decorações, encontrados durante os trabalhos de desentulhamento.



A VEDETA DA RÁDIO NACIONAL MARIA SIDÓNIO

O filme português A NOIVA DO BRASIL

DEPOIS dum adiamento forçado por atrasos nos trabalhos de laboratório, vai estrear-se no próximo dia 14, no Tivoli, o novo filme português «A noiva do Brasil», que Santos Mendes dirigiu para a Atlante-Filmes.

É natural e normal o interesse do público por uma nova produção cinematográfica portuguesa.

Mas «A noiva do Brasil» justifica plenamente o particular interesse com que é aguardada a sua estreia.

É que se trata de várias estrelas com o mesmo filme, donde é justo destacar a do director, Santos Mendes, que vai ter o seu «baptismo de fogo» com a apresentação, no Tivoli, da nova película.

Ele nos disse, ser um trabalho despretençoso, onde só existe o «seu melhor» que poderá não traduzir o melhor para o público, o grande juiz em obras desta categoria.

Queremos, porém, que só a sua conhecida modéstia lhe impôs o pouco que nos disse do filme, sendo oportuno transcrever o que lemos na «Fimagem» de 26 de Abril último, a propósito duma passagem privada feita há dias no Tivoli:

«O filme causou agradável impressão a quantos assistiram à sua passagem. Oportunamente publicaremos os nossos comentários a este novo filme português, que marca a estreia auspiciosíssima de um novo director lusitano...».

Não andaremos, pois, longe da verdade, crendo que vamos ver uma obra a todos os títulos digna da indústria cinematográfica portuguesa.



OSCAR DE LEMOS NA CANÇÃO "VÁ LÁ MAIS UM"



Um aspecto emocionante do filme «A Noiva do Brasil». A perseguição de automóveis.



Da esquerda para a direita: Marius, Barroso Lopes, Virgílio Teixeira, Erico Braga e Oscar de Lemos numa cena do «bar» do navio



Da esquerda para a direita: Ricardo Malheiro, Patrícia Lencastre e Virgílio Maceira, numa cena forte do filme

A PROPÓSITO DA SEMANA DAS COLÓNIAS

A

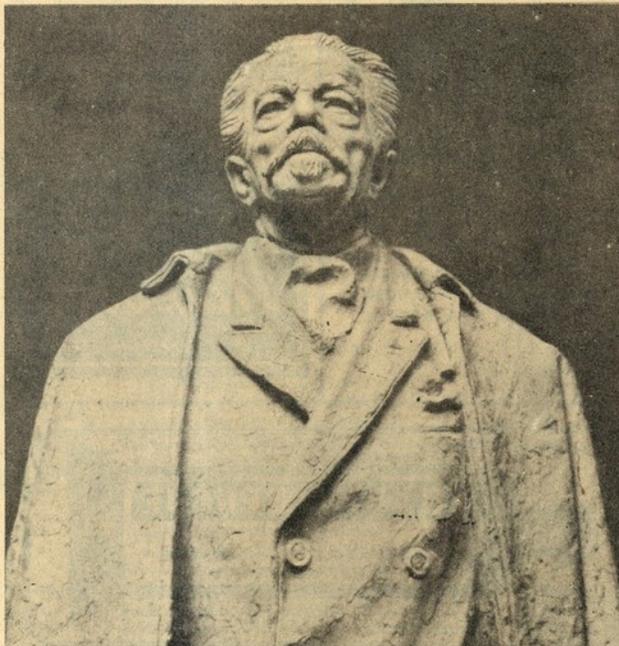
Sociedade de Geografia todos os anos toma a seu cargo uma iniciativa interessante: durante uma semana, falar e pensar que temos um mundo maior do que esta faixa europeia — não o princípio da Europa, mas a ponta onde o continente acaba. Com o decorrer dos séculos, Portugal tem-se apercebido de que não basta ter uma situação privilegiada na Terra, para centros de gravitação: é necessário criar condições, forças de atracção, porque o tempo tem-nos ensinado que, afinal, sendo nós a ponta mais ocidental da Europa, é aqui que as idéias acabam e raras vezes principiavam.

Que fazer, então, para vencer, de algum modo, este fatalismo?

Salazar, como nenhum outro chefe, no último século, tem-se esforcado por demonstrar ao mundo e aos portugueses que Portugal não é um país pequeno, prêso das circunstâncias que o ligam à terra: Portugal projecta-se por todos os continentes, para lá desta faixa de terra existe um mundo português pujante que aspira, cada vez mais, a uma colaboração com a metrópole. E é esta verdade que a Sociedade de Geografia proclama, durante uma semana, insuflando na gente das escolas, indo aos meios rurais, este gosto, devoção e obrigação de olhar por quanto nos pertence.

De algum modo, essa doutrina e esse misticismo hão-de precisar de uma atenção especial de quem dirige. Não se pode ir para a África como se vai para o Brasil ou para a América. Os homens de hoje gostam de jogar mais pela certa e fogem das aventuras quinzentistas...

Recentemente, anunciou-se um importante diploma para fomentar a emigração. Esperemos, portanto, que esse diploma dê seus frutos. Para isso, é preciso que a semente lançada à terra pela Sociedade de Geografia e pelo diploma divulgado pelo ilustre ministro das Colónias, não seja levada pelo vento e se perca, assim, uma colheita que abriria novos horizontes à vida portuguesa.



Recentemente, António Duarte expôs no estúdio de São Pedro de Alcântara uma colecção notável de desenhos — uma exposição que, não se sabe porquê, não teve as honras da atenção da Imprensa. Ora, António Duarte, além de ser jovem e querer vencer — tem talento. A sua exposição, nem por ser menos colorida, teve menos fragância e nítida elevação: pelo contrário, revelava um extraordinário expoente artístico que de todos — da crítica e do público — merece atento interesse. Os seus «Nus», as cabeceiras das crianças — mas os primeiros, sobretudo — são de um vigor, de uma ousada concepção, sem excluir delicadeza e segurança. Depois, o traço de António Duarte revela ainda outra virtude: o volume, a denunciar o escultor que, no actual Salão de Belas-Artes, marca a craveteira ousada do artista. É um pormenor desse trabalho — destinado a figurar uma praça pública de Cascais — a foto que encima estas linhas.



A sr.^a embaixatriz de Inglaterra, Lady Campbell — que está na foto, sentada à direita — foi, há dias, visitar a Cruz Vermelha Portuguesa e ouvir a mensagem que o major-general John Kennedy, vice-presidente da Cruz Vermelha Britânica enviou à sua congénere de Portugal. Foi portadora dessa mensagem Lady Elles, recentemente chegada ao nosso país, para tratar de assuntos referentes aos serviços da Cruz Vermelha.



Com a morte de D. Alberto Bramão ficou vago o lugar de presidente da Sociedade Propaganda de Portugal. Esse lugar, porém, acaba de ser ocupado pelo sr. Almirante Magalhães Correia, para o que houve, naquela sociedade, uma sessão muito concorrida. Na foto, vemos o empossado e alguns elementos directivos que assistiram ao acto.



ÊXITO ABSOLUTO!
Muitos milhares de exemplares vendidos logo no primeiro dia!
Uma publicação única no seu género em Portugal!
Novelas, reportagens, casos de espionagem, problemas policiais portugueses e estrangeiros, etc.
32 páginas de leitura emocionante! Uma sugestiva capa a 3 cores!

Avulso: 2\$50
«DETECTIVE», apesar do seu preço, é distribuído gratuitamente a todos os assinantes de «Vida Mundial Ilustrada».
Um benefício como nunca se fez em qualquer publicação!
Aproveite esta vantagem: assinie esta revista — e pelo preço de uma publicação, receberá duas!
Pedidos de assinatura: Rua da Emenda, 69, 2.º — Lisboa.

O 2.º NÚMERO DE

DETECTIVE
SAIRÁ NO DIA 8 DE MAIO

IDEIAS E IMAGENS

(Continuação da pág. 3)

de que para arranjar dinheiro é preciso não ter escrúpulos nenhuns, visto que os povos escrupulosos são os mais ricos.

Mas estes povos são também aqueles onde a beneficência particular é mais profusa, como no caso dum Rockefeller, dum Carnegie, ou no daquelas fundações inglesas, algumas de séculos, que perpetuam a memória de tantos beneméritos, porque em tais países há millionários que um dia se convenceram de que a riqueza não pode ser um fim, mas deve ser um meio, não só do desenvolvimento da actividade própria e das possibilidades da nação, mas de criar obras de utilidade e fomento social.

O dinheiro oferece-nos estes dois perigos: se não o temos, somos indigentes, servís, pedintes, e como a necessidade é inimiga da virtude, ficamos sem virtude, vis, escravos, miseráveis; se temos muito, podemos tornar-nos arrogantes, prepotentes, atribuindo-nos uma falsa superioridade, que só vem do fulgor do ouro, da cintilação do diamante, da sumptuosidade dos nossos salões, das reverências dos nossos aulicos e dos nossos criados, superioridade falsa, illusória, espectacular, superioridade que se deu à custa dum conflito dos nossos Eus, e no qual o Eu empirico, no que tem de mais rasteiro, sobrepujou o Eu superior, o Puro Ego, no que tem de mais sublime.

Dois seres degradados, o pobre indigente e o rico orgulhoso, abaixo da mais baixa escala social, presas de todas as aberrações, de todas as indignidades, de todos os vícios.

O estado social mais compatível com a moralidade é a mediania; e por isso a classe média foi sempre aquela onde se concentravam as mais fortes esperanças da nação; e por isso os estados pequenos abastados, como a Escandinávia e a Suíça, são muito mais virtuosos que a própria Inglaterra e a América.

ANTÓNIO RUAS

A PRENDA

(Continuação da pág. 19)

Ele viu-a partir com um sorriso feliz e, enquanto enfiava as mãos nas algibeiras, monologou divertido:

— Que criança Aposto que vai sonhar com as prendas...

Mas Jorge não teve tempo de levar o pensamento mais longe. Como se o chão se lhe tivesse aberto debaixo dos pés, do sonho em que passara tóda a tarde caiu na realidade, e ficou tonto com o choque duro dessa queda.

A prenda!...

Sim, também elle tinha de oferecer uma prenda à Gracinha no dia do seus vinte anos, o mesmo em que o namorado de ambos tomava um certo aspecto official!

Nessa noite, Jorge não appareceu no cafés, não jantou, não dormiu...

Logo na manhã seguinte, safu. Levava na algibeira, amarfanhada, a sua única nota de vinte escudos, e um nó de amargura estrangulava-lhe a garganta opressa. Haveria, realmente, em Lisboa, alguma coisa que custasse vinte escudos!...

Seguindo ao acaso, pelas ruas, lançava olhares furiosos às montras. Parou um instante, diante de uma delas:

— Ora aqui está um presente em termos. E custa vinte... ah! duzentos escudos... — suspirou.

Era uma estatuetta linda, em Saxe verdadeiro, representando um jantar alegre de século XVIII. Uma maravilha.

Maquinalmente, entrou. Um, dois, três caixeiros assaltaram-no, deferentes:

— V. Exa. deseja?

— Ver... — respondeu mal encarado.

Bem dita moda esta das etiquetas! Ao menos, tem uma pessoa as suas desilusões em silêncio, sem o testemunho anáemvel trocista dos empregados. Jorge ia lendo:

— 600\$00... 900\$00... 16.000\$00... 1.500\$00...

Ao encostar-se, desalentado, ao balcão, os olhos ficaram-lhe presos a um ponto qualquer, que nem via. O caixeiro precipitou-se:

— É realmente uma pena! Vallia dois contos! Queira V. Exa. apreciar... não há seguro que pague os prejuizos que se sofrem...

De que estaria aquêlle homem falando? Faz um esforço para o entender.

— ...partiu-se quando o madámos vir do armazém para servir o cliente.

E segurava, sobre o balcão, unido-os para lhes dar a forma primitiva, os três pedaços em que se quebrara uma floreira magnifica do mais puro cristal.

— «Baccarats» autêntico... — reclamava o caixeiro, agitando-o à luz e acendendo-lhe cintilações de diamante.

Mas Jorge afastou-se desinteressado. Subitamente, voltou atrás e quasi gritou:

— Quanto custa isso?

A resposta, surpreendida, veio um pouco ao acaso:

— Uns vinte escudos... pelo estôjo. Isto está completamente desvalorizado...

— Não importa. Embrulhe. Eu mando cá buscar.

E safu, radiante. Afinal, tudo se arranjava. Entrou no «café», chamou o «groom», e, verificando os trocos que lhe restavam, perguntou:

— Olha lá, tu queres ganhar... cinco escudos? Então, escuta...

Quando o pequeno chegou à porta da escada encurada de Maria da Graça, parou um instante, para apagar do rostozinho infantil todo o vislumbre de riso malicioso. Bateu e, ao sentir passos no corredor, pôs-se a soluçar baixinho, como se quizesse abafar o choro. E a muito custo, explicou:

— Foi o Sr. Doutor que me mandou trazer esta carta e este embrulho para a menina... e recomendou-me que viesse devagar e com cuidado... mas eu...

A própria Maria da Graça veio à porta, pelo choro, agora convulso, do rapazinho:

— ...não foi de propósito, minha senhora... escorreguei, ali, no terceiro degrau... e parece-me que parti tudo!

Comovida, Maria da Graça pegou no embrulho cor-de-rosa e agitava-o docemente de um lado para o outro:

— Não sinto tilitar nada... Não te afflijas; talvez não esteja partido...

— Ah, parti... parti... — teimava o gorotó, chorando.

— Não tem importância! — decidiu Gracinha, por fim. — Ana, dá alguma alguma coisa a esse pequeno, para o carro. E tu, vai descansado, que eu prometo não dizer nada ao Sr. Doutor. Mas, antes de mais nada, vou ler esta carta...

Contente, lá se foi correndo, pelo corredor.

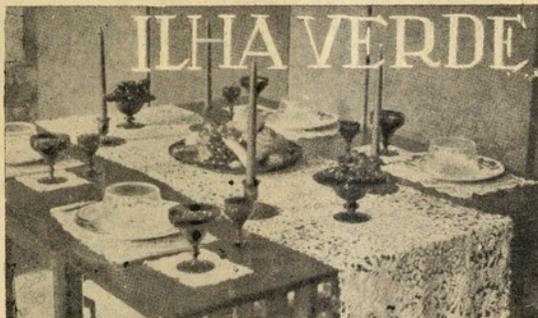
Nessa noite, ao subir as escadas encuradas da casa de Maria da Graça, Jorge sentia-se profundamente feliz, e perguntava a si próprio, com uma pontinha de sorridente curiosidade, como lhe seria apresentada aquella história, que tão bem ardira.

A criada, que lhe abriu a porta teve um sahi! de quem lá o esperava. E elle ficou satisfeito por não se sentir um desconhecido naquella casa rica. Ia seguro de si ao entrar na sala que brilhava em mil luzes — e onde, sózinha e encantadora no seu vestido claro, Maria da Graça o esperava, de pé, em frente da mesa redonda, ao centro. Ao vê-lo, não correu para elle na irreflectida alegria do costume, mas nos seus lindos olhos ardaí o lume dos carbúnculos.

— Gracinha, meu amor...

Então elle desviou-se um pouco e o seu olhar poison um instante sobre a mesa, para voltar a fitá-la e se volver de novo para a mesa. Interdito, Jorge seguiu esse olhar estranho, e viu — viu, aberto, o estôjo, o estôjo que comprara. Dentro d'êlle — oh! o eloquente testemunho das coisas silenciosas e inertes... dentro d'êlle, viu os três pedaços inúteis de «baccarats», que o caixeiro envolvera com cuidadosa solicitude, cada um, separadamente, em sua folha de papel de seda...

É NA CASA REGIONAL DA



QUE SE ENCONTRAM OS MAIS LINDOS E ARTISTICOS BORDADOS

RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHADO) — LISBOA — TEL. 25974

Carlos, José, Fernando e Marias...

(Continuação da pág. 7)

úteis certas Marias necessitadas de luz e instrução, pensamos contemplar as mais precisadas e vamos começar a nossa obra pela protecção à pequenina Maria Gozette dos Santos, sózinha no mundo... Podemos realizar uma grande obra de amor e carinho se as Marias que podem não nos faltarem com o seu auxilio. Uma quota de 2\$50 multiplicada por tantos milhares de «Marias de Portugal» pode realizar um grande milagre... A sr.^a D. Maria do Carmo Carmona digna-se patrocinar a nossa agremiação.

Estas curtas entrevistas têm por objectivo elucidar os nossos leitores quanto à real actividade dos grupos onomásticos, salientando o alto beneficio que representam já na nossa sociedade.

Já têm dos grupos a que nos referimos, existem já «Os Mários», «Os Manuéis de Portugal», «Os Américos», «Os Joões de Portugal», «Os Chicos e Chicas de Portugal», «Os Antónios de Portugal», «Os Pedros», «Os Albertos», «Os Césares», «Os Henriques», «Os Joaquins», «Os Alvaros» e os «Agostinhos de Portugal» — todos estes grupos têm já as suas sedes devidamente instaladas.



O CANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA!



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

CALÇADA DA GLÓRIA

A BOMBA



Ao reler, há dias, algumas anedotas atribuídas a Bernardino Machado, ou em que ele intervém, encontrei esta, que não deixa de ter a sua graça — sobretudo pelo imprevisto que encerra.

Uma noite o Pad-Zé, levando um envólucro na mão, procurou Bernardino Machado e desfechou-lhe à queima-roupa:

— O senhor anda a empatar a proclamação da República. Por isso resolvi sacrificar-me, matando-o à bomba... — e fazia o gesto de arremessar o envólucro.

— Então, ó Pad-Zé, veja lá, tenha juízo — murmurou pálido Bernardino.

— Não há juízo, nem meio juízo. Morreremos aqui ambos para salvação da República.

E atirou com o envólucro pesadamente para o chão, mas não se passou nada. Aquilo que parecia uma bomba — era simplesmente um queijo flamengo.

ENTÃO O AMOR NÃO EXISTE?



O dr. Ascensão Barbosa, homem de teatro de bons recursos, adaptou recentemente uma peça para que encontrasse este título «O amor não existe». Aquêles que, por ventura, supõem que a Arte e a Vida se confundem tomem nota deste facto: Ascensão Barbosa, que proclama nos cartazes que não existe o amor, todas as tardes, no Chiado, invariavelmente o procura nos cabelos, nos olhos, nos lábios, nos sorrisos das bonitas mulheres que passam — e podemos afirmar, porque o sabemos de autorizadas fontes, que já o tem encontrado...

Que o amor não existe? Querido Ascensão, vai pregar essa para outra freguesia!

MARIA SIDÓNIO E O PIANISTA



Maria Sidónio — um dos sorrisos mais simpáticos do nosso teatro ligeiro — foi recentemente cantar a uma festa que se realizou nos arredores de Lisboa. Pouco antes de chegar a sua vez, perguntou naturalmente quem é que a acompanhava ao piano. Apontaram-lhe um sujeito pequenino, calvo, de fraque, que estava a um canto.

— E é bom pianista? — inquiriu Maria Sidónio com a mais feminina das curiosidades.

— Tão bom — responderam-lhe — que é até afinador de pianos!

A ESTANTE DA GLÓRIA



A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes volumes que lhe foram enviados: «Romagem», poemas de Maria Teresa Andrade Santos, um coração dentro duma caixa de pó-de-arroz; «Solteira e Sós», sugestivo romance de Joaquim

da Mota Júnior, e cujo título constitue um verdadeiro aperitivo; «Portugal amoroso», contos em que D. João de Castro evoca algumas cenas do passado num estilo que tem a tonalidade das aguarelas; «Livro do capitão sem nome», preciosa recolha de pensamentos extraiados de obras de escritores militares, por Francisco Chedas; e «Ivanhoé», narrativa infantil da autoria de Henrique Marques Júnior, cinqüenta páginas que agradam às crianças — e que não fazem mal aos velhos...

DR. ÁLVARO LAPA



OI Ferreira de Castro quem nos apresentou, uma tarde, ao dr. Álvaro Lapa. No dia seguinte quis o acaso que nos encontrássemos no Rossio e parássemos cinco minutos a conversar. O dr. Álvaro Lapa começou por nos tratar por V. Ex.^{as}, em seguida por «senhor doutor», depois por você e, quando nos despedimos, exclamou, batendo-nos familiarmente no ombro:

— Adeus, menino. Aparece...

Decerto ele já se não lembra deste pequeno *j'ai-divers*, mas nós é que nunca o esquecemos, porque ele traduz, melhor do que uma longa biografia, as qualidades de simplicidade e de comunicabilidade que caracterizam o dr. Álvaro Lapa. Há quem diga que é homem distraído. Apontem-nos um homem de ciência que o não seja até certo ponto em matéria fora da sua especialidade. Médico distinto, especialista como poucos, raros conhecerão a pele do seu semelhante como ele. É uma espécie de patriarca para quem Adão e Eva, nas



suas relações mundanas, não têm segredos. Ampara um — e ampara outro. O nome que lhe ficaria a matar era este: — Álvaro Lapa... dos Esteios!

A POESIA E O FEIJÃO BRANCO



HÁ dias surpreendi um dos nossos mais naviosos poetas à mesa dum restaurante comendo nada mais nada menos do que uma substancial orelheira com feijão branco, que ele ia regando, abundantemente, com um espesso vinho tinto. Uma vez, certa senhora da nossa sociedade, ao ter conhecimento de que o Papa (que era então Pio XI) comia ovos estrelados como o mais falível dos mortais, murmurou entristecida:

— Até faz perder a devoção!

Na verdade, a actividade material de certos entes que se idealizam dentro duma atmosfera eminentemente espiritualista choca, por vezes, a nossa sensibilidade. Confesso que aquêle poeta atulhando-se de feijão branco com orelheira me fez pensar na distância que, em muitos casos, separa a literatura da realidade ou, melhor, o espírito da matéria. Dizia o autor dos *Maias* que não compreendia os poetas sem a vida contemplativa. O poeta tem de ser um poeta, com toda a auréola de oiro que esta qualidade lhe condiciona. Ou êle canta as estrelas, vive na lua e se contenta ao almoço e ao jantar com folhas de rosa como um verdadeiro semi-Deus lírico, ou então o abismo abre-se a seus pés e êle rolará, como um prosaico ser humano, sôbre uma gordurosa onda de orelheira com feijão branco, símbolo das pujantes, mas indigestas realidades do mundo.

Tommy Dorsey

(Continuação da pág. 5)

obrigado. Vou daqui já à Marcella pedir uma ligação para a América, que quero ouvir o Tommy Dorsey, éle mesmo...

O TROMBONISTA DA AMÉRICA

E, daí a pouco, estávamos a ligar — pelo menos em imaginação. A cena podia, mesmo, ter-se passado assim:

— Olá, boy!
— Olá, boy!
— É o Tommy Dorsey? Você está mesmo a falar da «Cantina das Estrelas»?
— Yes, yes, estamos a dar um espectáculo para os fuzileiros navais...

— Então, muito trabalho?
— Não podemos dormir na forma... Esta noite temos visitas... É preciso entreter uma divisão inteira...

— E com respeito à orquestra?
— Os mesmos... Rapaziada fixe. Não podia ter escolhido melhor... Liggy Elman e Chuck Petterson são dois «trompettes» que, no género, não recebem competidores...

— E ainda Buddy Rich, Don Lodice, Heinie Bean, Frank Sinatra, Connie Haynes e os «Pied Pipers», que têm feito na minha orquestra a melhor parcela da minha obra.

— Novidades?
— Tenho gravado para a «Victor». Destacarei: «An Mall Specials», de James Mundy; «Stormy Weather», de Harold Arlen, e «Swing High» e «Well, git las», do Sy Oliver.

— Para aproveitar a chamada, preguntamos:
— É verdade que Frank Sinatra foi jornalista?

— Sim... Mas trocou a carreira das letras pela vida artística... E o Harry James é que o lançou... Desde aí, sou eu o detentor do eleito dos corações femininos...

— Ouvimos, do outro lado do fio, um risinho trocista, mas passamos adiante:

— Qual a orquestra mais famosa de momento?

— Charlie Spivak.

— E vocalistas?

— Bing Crosby é sempre o grande Bing Crosby. Mas, convém citar ainda Dinah Shore, Bea Wain, Mappy Cortez, Carlos Ramirez e Perry Como.

— Dé-nos novidades, amigo: Quais são as canções mais em moda?

— «Don't Fence me In», «Dance with Dolly» e «Dream of you».

— Adeus, Tommy... Espero voltar a ouvi-lo pela rádio e a vê-lo no cinema...

— Não diga isso... É possível que nos volteemos a encontrar em Lisboa...

— A nossa imprensa agitou a notícia de que Glenn Miller e Harry James nos dariam o privilégio da sua presença. É verdade? Se é... também podemos admitir que Tommy Dorsey...

— É dito isto, o «repórter» calou-se. Mas, Tommy limitou-se a dar uma das suas risadinhas, a acompanhar uma resposta ambígua:

— Gostaria imenso... Pode ser... Diga isso aos seus leitores.

— A menina dos telefones anunciou que o segundo período ia terminar, e nós apressámo-nos a dar-lhe uma pequena informação:

— Você sabe que tem em Lisboa um «sósta» que toca trombone?

— Ah! Sim? Então, dê-lhe um abraço da minha parte e diga-lhe que cá o espero na orquestra. Por agora, não tenho paciência e que vá abrindo os envelopes dos meus «fans»...

— Outra vez a voz da menina interveio. Ouviu-se um «clic», nós gritámos: «Está lá! Está lá!», mas o Tommy Dorsey americano tinha desaparecido. E foi pena. O melhor da entrevista ficou por perguntar...

J. XAVIER DE MAGALHÃES

História da Guerra

(Continuação da página 9)

as forças do Eixo haviam-se concentrado e fortificado poderosamente numa estreita faixa de terreno compreendida entre o mar e a depressão de Quattara. O correspondente do «Times» no Cairo descrevia assim o carácter das obras defensivas preparadas pelo marechal Rommel para enfrentar a iminência, geralmente reconhecida, da ofensiva britânica: «Rommel tinha organizado vastos campos de minas protegidos por arame farpado e defendidos por posições de artilharia ligeira e metralhadoras. Por detrás deste sistema, concentravam-se a artilharia pesada e os carros. As zonas de fogo pareciam interrompidas por zonas de defesa anti-tank, organizadas em profundidade. O inimigo considerava, e não deixava de ter para isso as suas razões, um tal sistema defensivo praticamente inexpugnável. Os acedimentos não tardariam a demonstrar que ele não estava em condições de resistir ao assalto vigoroso do 8.º Exército.

A questão fundamental nas vésperas de se iniciar a luta de cuja decisão dependia toda a marcha da guerra, consistia em saber se os novos comandos britânicos estavam em condições de dominar as posições defensivas do Eixo pela aplicação de novos métodos táticos que beneficiassem do efeito de surpresa e pudessem ser realizados com suficiente energia e espírito de continuidade para produzirem, no final, os resultados que da sua aplicação havia a esperar.

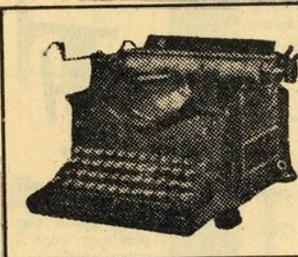
O PLANO BRITÂNICO

Não tardaria a revelar-se que efectivamente os generais ingleses tinham o seu plano e que esse plano



OUVIR UM *Luxor* é um prazer!

Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa
Tel. 24888



A. C. Cardoso

Reconstruções e reparações em máquinas de escrever e calcular

ORÇAMENTOS GRÁTIS

COMPRA, VENDE E TROCA

RUA ANTÓNIO PEDRO 24, 1.º-Dir.

TELEPHONE 52458

A Saúde

(Continuação da pág. 12)

Pacientemente, aqueles homens, pagos pelo Estado, dedicam-se ao estudo do aparecimento e da evolução das epidemias em mil e uma experiências que executam sobre os animais que mantêm sob sua constante vigilância. E é pródriamente desses animais que obtém o soro que é depois distribuído em 450 farmácias de Nova-York, soro preventivo contra casos de varíola, difteria e tétano. Os preços desses produtos estão tabelados pelo Governo, mas a sua distribuição é gratuita para todos os que provem não ter recursos para os pagar.

E, assim, de 17.129 se desceu, em oito anos, para 392 casos de difteria; e de 1.941 mortes se passou para 7, em igual período de tempo!

Nem todas as palavras do vocabulário têm a etimologia e o poder de síntese que têm estes números. E aqui está um caso em que é realmente consoladora a intervenção da ciência, e que claramente patenteia o que ela pode conseguir quanto ao serviço de um Estado para quem o indivíduo é a primeira e dominante preocupação.

DEBAIXO DO FOGO!

(Continuação da pág. 6)

O único caminho da evasão do espírito. Outrora, olhando as volutas de fumo azulado, os homens encontravam, de novo, os horizontes distantes, as imagens queridas, as sombras da Pátria, a erguer-se na névoa das terras ermas e alagadas da Flandres. Agora, a evocação aparece-lhes com mais nitidez, no recanto de um «hangar», na velha casa esburacada pela metralha, na tenda de campanha ou até à luz das estrelas — em qualquer lugar onde caiba um projector e uma tela branca.

E, só por isso, os soldados, quando tocam a cessar o fogo, terão aprendido a amar o cinema para além dum espectáculo de diversão. Porque foi, em boa verdade, a voz da própria pátria, o mensageiro do lar — nas horas amargas e torturadas que viveram.

(Continuado)

FERNANDO FRAGOSO

“Thetis”



O CAMISEIRO DOS QUE VESTEM COM DISTINÇÃO

RUA DA PALMA, 165-165-A

LISBOA

Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quiere ter os dentes saos e belos lave-os com SULFADENTINA

UMA GOTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE ÇOÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMAS, HUMIDO OU SECO, CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDENCIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em tódas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



1944
BORGES
CORREIA

UM CONTO POR
LUCIA-LIMA

A PRENDA

JORGE andava fora de si. E Maria da Graça enfeitara-o logo desde o primeiro momento em que a viu — tão apetitosa naquele baile do Casino. E, cada dia que passava, maior era o seu Encanto. Só a graciosa maneira que ela tinha de o saídar de longe, sem conter a sua exuberante alegria ao vê-lo. Não havia ninguém que se não voltasse em busca do feliz mortal que provocava semelhante expansão de uma pequena tão gira... Nesses momentos, ele considerava-se um homem superior. É que nunca tivera, tão perturbadora, sensação do orgulho satisfeito — nem mesmo quando obtivera as mais altas classificações, no primeiro ano da sua formatura, havia cinco para seis anos, provincialano chegado do modesto liceuzinho da terra: nem mesmo no dia em que obtivera o «goal» da vitória para o «teams» da sua faculdade, num desafio memorável: nem sequer quando, no ano passado, reprovava pela segunda vez em tôdas as cadeiras e fôra proclamado «o estudante mais estroina da Universidade»...

Porque o caso, agora, era muito outro. Ele adorava aquela gorôta. Adorava-a. E depois, quando passeava com ela pelo Chiado, quando dançava com ela no Casino; quando entravam a tomar chá em qualquer sítio — faziam sensação! Todos lha invejavam. Porque Maria da Graça não era rapariga que passasse despercebida. Era tão linda, e vibrava uma tal alegria, em toda a sua pessoa, e tinha uma atitudes de tanta gentileza e elegância, que era forçoso reparar nela! E depois, que gosto para se vestir! que requintes de luxo.

As vezes, Jorge tinha momentos de hesitação. Lembrava-se das zeiras de terra — hipotecadas... — a que o pai dificilmente arrancava o dinheiro para o manter em Lisboa... e fitava desanimado, o casaco de rvisons da Gracinha, o seu penteado solto em que se adivinhava um cabeleireiro caro, as suas mãos finas e primorosamente tratadas, onde brilhava uma jóia de gosto — e de preço... Suspirava, obrigava-a a repetir a última frase, que não ouvia, e pensava que tudo se havia de arranjar — com o tempo... Porque ele gostava dela, mas não estava muito certo de levar a bom termo aquêile malfadado terceiro ano da formatura, que ia já numa terceira tentativa...

Quando chegou à estação já a Gracinha o esperava, impaciente, para o seu combinado passeio ao Estoril. Aquilo também o arruinava; levava no bolso as últimas míseras notas da sua pensão para o mês seguinte... Mas que fazer? — se ela tivera um sorriso tão natural e, tão fresco ao despedir-se, dois dias antes:

— Até domingo à tarde?...

Jorge achou-a naquele dia mais linda do que nunca, e disse-lho. Ela sorriu e confidenciou:

— É que estou muito contente: faço amanhã vinte anos. E pedi licença ao papá para te convidar...

— E então? — fez êle ansioso.

— Então... concedido! Será a minha prenda de anos, a tua companhia ao jantar.

A tarde foi encantadora para ambos, na doçura do passeio e na perspectiva do dia seguinte. Regressaram a Lisboa, tagarelando felizes pelas sete horas — a hora encantada em que o dia e a noite se encontram por um momento apenas, e se abraçam, e se confundem, enchendo o ar da poesia doirada do seu encontro...

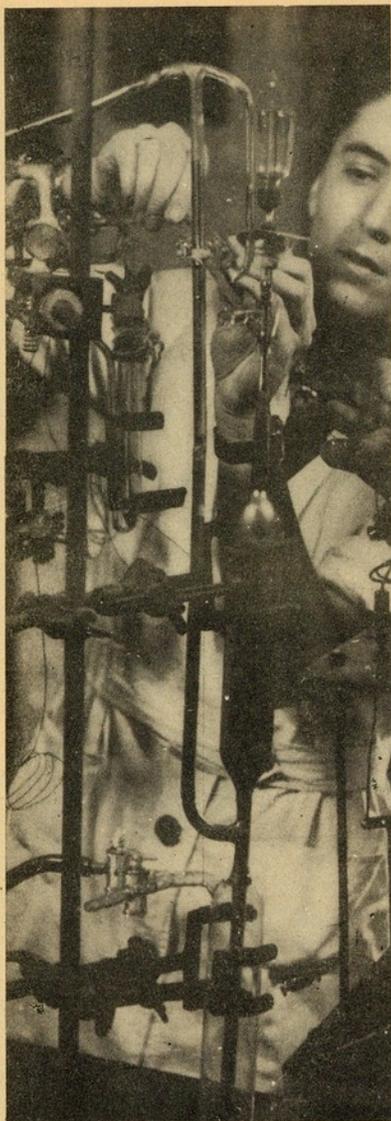
E enquanto êle fechava a porta do taxi, Maria da Graça envolveu-o no seu olhar luminoso e murmurou:

— Até amanhã querido...

(Continua na pág. 16)

ILUSTRAÇÃO DE BORGES CORREIA





É um segredo de laboratório, a fórmula dos agentes e reagentes químicos, aplicados na espionagem, em missivas secretas e que, muita vez, precisam de circular descobertas. A paciência, a insistência, tentativa por tentativa, até à descoberta do produto químico empregado pelo espião é um trabalho muitas vezes exercido por mulheres



E o processo da «tinta simpática» é aquele a que os «espíões» recorrem mais frequentemente para transmitir as suas mensagens secretas, há também um outro, comumente empregado, e muito simples; a linguagem convencional, em que os

vocabúlos têm um significado diferente daquele que lhes é atribuído geralmente, e cujo significado não pode ser compreendido senão por aqueles que possuem o código ou a cifra. Este processo tem um inconveniente: com a continuidade da sua aplicação, torna-se facilmente decifrável pelos técnicos da Censura postal.

Foi essa desastrosa experiência que obteve, durante a guerra passada, um certo habitante de Cherbourg (pôrto militar francês, na Mancha) que, sendo grande amador de pesca, se ocupava especialmente em expedir mensagens a um sujeito que habitava Madrid, e nas quais se referia aos peixes e às gaivotas. Ora aconteceu que a contra-espionagem obteve a certeza de que, no seu vocabulário, gaivotas eram aviões; as enguias, submarinos; as sôlhas, navios de transporte; as sardinhas, contra-torpedeiros; os bacalhaus, torpedeiros... E assim, tôda a fauna marítima tinha a sua eqüivalência nos vários tipos de navios de guerra. A carreira deste pescador acabou diante das espingardas do pelotão executor.

Uma aventura do mesmo género aconteceu na Grã-Bretanha aos senhores Jansen e Ross que, em 1916, se faziam passar por representantes em Portsmouth de uma fábrica de charutos holandeses. Nesta qualidade, enviavam frequentemente mensagens comerciais à sua casa de Rotterdam. Certo dia, a Censura ficou intrigada pela frequência com que êsses senhores faziam as suas encomendas, pois o negócio local não justificava uma tão grande necessidade de fornecimentos. E assim foi descoberto o jôgo...

Uma das peças do processo citadas pelo «Intelligence Service» perante o tribunal, e que foi suficiente para desmanchar os dois representantes de charutos, foi a seguinte:

«Enviar 10.000 *Cubanos*, 4.000 *Rothschild* e 3.000 *Coronas*».

Ora, provou-se que esta inocente encomenda significava que no dia em que foi expedida a mensagem se encontravam no pôrto de Portsmouth, dez contra-torpedeiros, quatro couraçados e três cruzadores.

No momento de deixar a sua cela para ir ser fuzilado, Ross pediu, como expressão da sua última vontade... um charuto! E foi a fumá-lo tranqüilamente que caiu sob as balas que o mataram.

Como se viu, o que perdeu os espíões Jansen e Ross foi, principalmente, o facto de terem descuidado dar aos seus aparentes negócios de charutos um movimento que justificasse as suas importantes encomendas. Observou-se que a maior parte dos espíões comerciais caíram em suspeita em consequência de negligências dessa ordem.

«Para terem qualquer probabilidade de nos despistar — escreve o inspector Fich nas suas memórias — o espião deve pensar em tudo, tomar infinitas precauções, a fim de dar a ilusão de que exerce realmente a profissão que lhe serve de camuflagem. Pois bem: por inacreditável que pareça, é por aí que peca mais vezes. Prendi um comerciante de isqueiros que nada tinha esquecido como precauções, excepto vender os isqueiros! E deitei a mão a um negociante de vinhos do Pôrto que nunca tinha colocado no mercado nem uma garrafa!»

Neste capítulo das negligências fatais citamos o caso de um individuo dito americano que chamou a atenção da Censura postal londrina por

êste pequenino facto: redigiu o endereço de um sobrescrito começando pelo nome do país, seguindo do nome da cidade, e só depois o do destinatário. Ora, se os americanos ignoram em absoluto êste uso, os alemães praticam-no com muita frequência. Esta pequena falta marcou o início de uma vigilância que levou o nosso «americano» à fôrça.

O referido inspector da *Scotland Yard* conta como certo dia, pesquisando no apartamento de um individuo sobre quem recaíam suspeitas muito vagas, estas se avolumaram repentinamente pela observação de um pormenor que teria certamente escapado a qualquer outro polícia que não tivesse o seu faro: o individuo tinha, entre os seus objectos, um completíssimo estôjo de «toilette» para todos os cuidados das mãos, mas as suas mãos não revelavam o mínimo cuidado havido com elas!... Leia-se a página de Fich, pois vale a pena para uma vez mais ficar demonstrado como a negligência do mais fútil pormenor pode ter terríveis consequências para o espião.

«Não, decididamente eu nada tinha descoberto naquele quarto. O homem, que se chamava Bacon, parecia tão inocente como eu próprio. Ia abandonar os seus aposentos e pôr de parte aquêle inquirito inútil, quando os meus olhos repararam numa das mãos de Bacon, abandonada sobre a mesa atrás da qual estava sentado. Era uma mão forte e dura, de unhas pouco cuidadas. Apesar disso, sobre o toucador estava um caríssimo estôjo de «manucure» cujas peças eram montadas em tartaruga. Ora, desde muitas semanas, era evidente que aquelas mãos não tinham conhecido outros cuidados além do corte corrente das unhas.

«Intrigado, voltei ao interior do quarto e reparei então, pela primeira vez, com o extremo de um romance visível na algebeira de Bacon. Ele tinha-o escondido, pensei... Pedi-lhe para me deixar folheá-lo, e êle estendeu-mo com o ar mais natural deste mundo. As páginas do livro não tinham nada de especial mas, no interior da capa e na página do ante-rostro, reparei que havia umas pequenas picadas. Meti o livro na minha algebeira e apoderei-me do estôjo de «toilette». Os diferentes instrumentos estavam meticulosamente limpos, mas um deles era pontea-gudo e poderia muito bem ter produzido aquelas picadas de alfinete. O tubo de verniz para unhas continha um liquido incolor e fluido, que não tinha visto nunca. Êste tubo estava meio vazio, mas o tampão e o pincel que servem para aplicar o verniz tinham a aparência de nunca terem servido.

— E preciso que me acompanhe, senhor Bacon — disse-lhe eu, num tom quasi triunfante.

«O sangue-frio do homem foi esplêndido. Manifestou exactamente a quantidade de aborrecimento que se impunha e não ofereceu qualquer resistência. Disse-me que teríamos de pagar-lhe uma forte indemnização por prisão arbitrária, e perguntou-me se podia mandar um bilhete a um amigo. Respondi-lhe que isso dependia do que

7

I—ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE. II—A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL. III—EFICIENCIA DA ESPIONAGEM. IV—ARMAS SECRETAS. V—TINTA SIMPATICA. VI—MULLEB, O DANDY ROWLAND, ESPIAO POR AMOR. VII—UM ALFINETE PODE PERDER UM HOMEM. VIII—SELOS E PEQUENOS ANONCIOS. IX—A BENGALA DE MR. ARCHIBALD. X—O ESPIAO CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE PARIS. XI—AS SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XII—HISTORIA DA BELA LIZZIE WERTHEIM. XIII—O DUPLO ESPIAO. XIV—MARTA RICHER, A SEREIA FRANCESA. XV—EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O CORACAO. XVI—MATA-HARI FOI PREVENIDA DUAS VEZES. XVII—FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA DE ESPIONAGEM.

ESPIOES DE GUERRA

"UM ALFINETE PODE PERDER UM HOMEM"

POR

PIERRE GOEMAERE

UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

quisse escrever, e ele disse-me que eu poderia ler. Como não havia papel de carta no quarto, pedi-me para escrever eu próprio, ou que o deixasse escrever a ele, na página do ante-rostro do livro que eu guardara. Quando lhe disse que queria conservar aquele romance intacto, mas que escreveria o bilhete numa fôlha do meu «carnet», pareceu contrariado, mas declarou-me que isso não tinha grande importância.

«Esse romance deu-nos bastante trabalho até

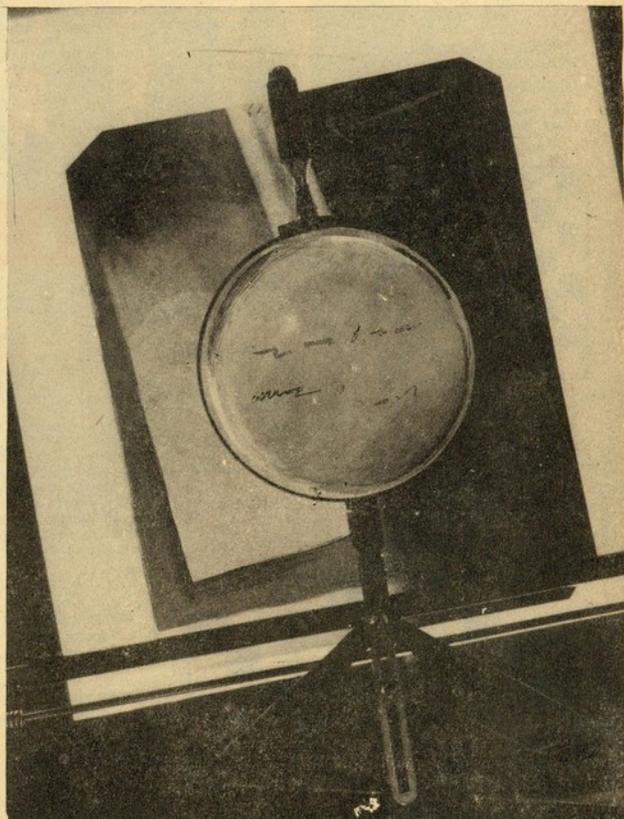
que descobrissemos o segredo da capa e do ante-rostro. Tratados quimicamente com determinada matéria reagente, viu-se aparecer gradualmente um mapa representando certas defesas anti-aéreas, e depois um outro mapa indicando bases de aviação de determinado sector. O segundo esboço era um trabalho apenas aproximado e exacto apenas em parte; mas a primeira era de uma exactidão verdadeiramente perigosa. Poderia causar-nos um mal enorme, se caísse nas mãos do inimigo.

«O verniz de unhas era, como eu julgava, a tinta secreta que tinha servido para desenhar os planos. As picadas designavam a suposta localização dos canhões. Bacon foi julgado no tribunal marcial de Guildhall, em Westminster, e condenado à fôrca.

O famoso capitão George Hill, do «British Secret Service», repetia frequentemente aos seus discípulos: «Em matéria de espionagem um alfinete pode perder um homem».



As vezes, a minúcia das investigações, para a descoberta de um criminoso, de espionagem, vai ao ponto de averiguar a natureza dos resíduos existentes nas mãos e, nomeadamente, das unhas.



É necessário uma grande perícia para descobrir os vestígios da escrita e sinais hieroglíficos, nas mensagens dos espíões.



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

CHARADAS

RESPONDA QUEM SOUBER!

1) Qual é o rio português que trocando a letra inicial por outra se transforma numa planta fibrosa?

2) Qual é a cidade de Portugal que antepondo-lhe uma letra se transforma num rio (afluente) português?

3) Qual é a cidade alemão que trocando a primeira letra por outra se transforma num país da Europa?

4) Da seguinte frase — BISA QUE MAL RIO — formar o nome e o apelido de um homem.

SOLUÇÕES DAS CHARADAS

(Publicadas em 26/4/1945)

1) Acaso-caso. 2) Dívida-vida. 3) Abertamente. 4) Abraços.



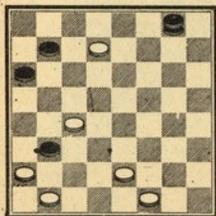
(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Laford (Espanha)

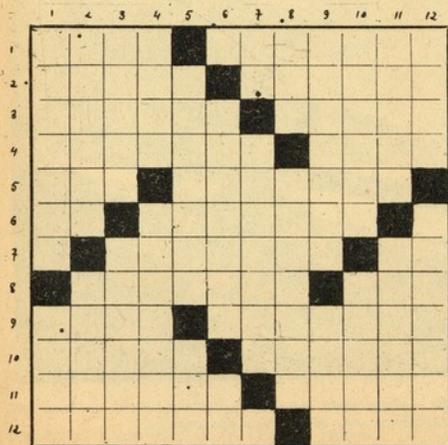
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMATAS DE «DAMAS»
COMPOSIÇÃO N.º 54 (Problema)

«La Provincia», 29/3/1945
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Electra»

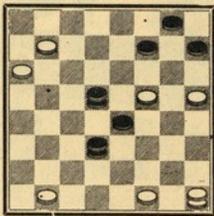


Mate em 8.



COMPOSIÇÃO N.º 55 (Final artístico)

«La Provincia», 5/4/1945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Lustada XV»



As brancas jogam e ganham.

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMATAS DE «DAMAS»
Classificação dos solucionistas até ao n.º 34

1.º Grupo de Almeirim, 213 pontos. 2.º, J. Nieto (Madrid), 207 pontos. 3.º, Ateimar (Lisboa), 152 pontos. 4.º, Electino Alvarez (Lisboa), 137 pontos. 5.º, António Lopes (Ovar), 136 pontos. 6.º, Carlos Pereira (Lisboa), 136 pontos.

(Secção portuguesa)

OVAR

Terminaram os campeonatos locais do jogo de «damas». Como manifestação de vida da modalidade, a organização correspondeu. Muitos são já os adeptos deste jogo — a que não faltam motivos para se tornar popular, e presente-se pelo entusiasmo da juventude que o seu número crescerá.

Houve — para fim de festa — uma ceia de confraternização entre «damistas», na qual se fizeram interessantes afirmações quanto ao futuro das «damas» em Ovar, sendo a «Vida Mundial Ilustrada» lembrada e saudado o organizador desta página.

Foram vencedores premiados:

Em Reservas

1.º, José Evaristo Pinto (campeão),
2.º, António Fernando Sobreiro
3.º, Vitorino Almeida.
4.º, Mário Caridade.
5.º, Afonso Sá.
6.º, Carmindo Costa.
7.º, António José Simas,

Em 1.ª categorias

1.º, António Lopes (campeão).
2.º, David Godinho (sub-campeão).
3.º, Dr. José Carvalho da Silva.
4.º, Mário Matos.
5.º, José Evaristo Pinto.
6.º, José de Oliveira Soares.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 20

19-22	12-15	11-15	30-16-7-25
26-19	19-12	20-11	1-32
	9-13	25-14	ganham.
	17-10	P.	



Jogo disputado no 1.º Portugal-Espanha, em 12 de Março de 1945, no Casino Estoril, entre A. Medina, Campeão de Espanha, e Francisco Lupi, Campeão de Lisboa:

A. Medina (Branças)	F. Lupi (Pretas)
1 — e2—e4	e7—e5
2 — Cg1—f3	Cb8—c6
3 — Bf1—d4	a7—a6
5 — O—O	Cg8—f6
6 — Ba4—b3	b7—b5
7 — d2—d4	Cf6×e4
8 — d4×e5	d7—d5
9 — Dd1—e2	Bc8—e6
10 — Cb1—d2	Bf8—e7
11 — Tf1—d1	Ce4—c5
12 — Cd2—f1	O—O
13 — Bc1—f4	Tf8—e8

palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 17 (Concurso)

Pelo estudante de engenharia João Manuel Marques Carolino (Nelas)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Caule de várias gramíneas; instruída. 2 — Levantara; afastas. 3 — Moeda brasileira; fruto da amoreira. 4 — Encarada; vazias. 5 — Tuas (ant.); encobrias. 6 — Artigo (pl.); ranchos. 7 — Aquê que confere benefícios eclesiásticos; forma do pronome a depois de r, s ou z. 8 — Desatar; chegar; 9 — Antevi; efeminado. 10 — Doldo; bosque de arecas. 11 — A que oferece; colocara azas. 12 — afastara para o mar largo; ligeireza.

VERTICAIS: 1 — O — cabeça de alguma companhia de homens serviais; círculo. 2 — Alagas; ofereceram. 3 — Cremes; planta gramínea. 4 — Lavrar; decurlão. 5 — Sobreponho; época. 6 — Guardada na adega; atmosfera. 7 — Contr. de proposição e artigo; dividira em toros. 8 — Artigo; partira em toros. 9 — Impressionar; móvel caseiro. 10 — Atrais; animal doméstico (pl.). 11 — Concedera; labutara. 12 — Partes laterais das narinas; santanários.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16

HORIZONTAIS: 1 — Macadamizada. 2 — Acavaletavam. 3 — Napelo; emita. 4 — Imola; tramar. 5 — Pata; tias; de. 6 — Ura; clar; mal. 7 — Lã; boas; pose. 8 — Adorar; ter. 9 — Davas; madama. 10 — Oram; muladar. 11 — Revisar; lona. 12 — Amareleceram.

VERTICAIS: 1 — Manipuladora. 2 — Acamaradarem. 3 — Copta; nava. 4 — Avela; bramir. 5 — Dala; coas; se. 6 — Alo; liar; mal. 7 — Me; tias; mure. 8 — Iterar; tal. 9 — Zamas; pedale. 10 — Avim; morador. 11 — Datadas; manu. 12 — Amarelejaram.

SOLUCIONISTAS DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS

Engenheiro Alfredo José Ferreira (Pôrto), Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu), António Ilídio Assis da Veiga (Lisboa), José Rodrigues Correia (Viseu), José da Silva Campos (Guarda), Eurico Machado (Lisboa).

14 — c2—c4	f7—f6
15 — c4×b5	d5—d4
16 — a2×b3	Ce5×b3
17 — Ta1×a8	a6×b5
18 — Cf3×d4	Dd8×a8
19 — Td1×d4	Cc6×d4
20 — De2—c2	c7—c6
21 — h2—h3	Tf8—f8
22 — Bf4×e5	f8×e5
23 — Dc2—c3	Be6—f5
24 — Td4—d1	c6—c5
25 — f2—f4	Tf8—f7
26 — Cf1—g3	Bf5—e6
27 — Dc3—e3	b5—b4
28 — Td1—d2	Be6—d5
29 — Cg3—h5	Be7—h4
30 — De3×c5	g7—g6
31 — Dc5×d5	g6×h5
32 — Td2—d1	Da8—a1+
33 — Be5—d4	Dal—a7+
34 — Td1—a1	Da7—b8

Abandonam.

PROBLEMA N.º 1
(Solução do autor)

1.T8h ameaça 2.T8a++
Se: 1.T4b 2.C4b++
Se: 1.T3c 2.C3c++
Se: 1.B3e 2.T3a++
Se: 1.T6e 2.B4c++

Nota — Estratégia muito simples, sem pretensões temáticas.

O cavalo dg1, necessário para evitar o mate em A1, é bastante anti-económico. Contudo, para um principiante, o problema é apresentável. O ensaio 1.T×T3 só tem a defesa 1.T—e3.

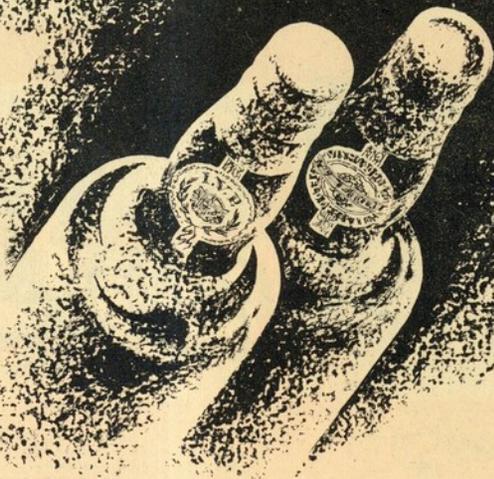
É curiosa a precisão com que se evitam 3 mates de C. T e B.

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 10\$50
Medicinal grande — tubo 16\$80
Vulgar pequena — tubo 4\$80
Vulgar grande — tubo 7\$80



VINHO do PÔRTO



HUMORISMO



— Estive muito tempo indeciso antes de matar a galinha que lhe servi...
— Percebi isso imediatamente, quando lhe meti a faca...



RACIONAMENTO

O COMENSAL — Eu queria um prato de carne, mas abundante e bem preparado.
O CRIADO — Também eu...



— Há gente que sobe aos pontos muito altos para ver um belo panorama — nós não precisamos disso...



COINCIDÊNCIA

— Já beijaste algum homem antes de mim, Lúcia?
— Que idéia, meu amor: é claro que não! Mas... é curioso: vocês fazem sempre as mesmas perguntas, nas mesmas ocasiões!



O JOGADOR

— O dôbro... ou «de borlas»!



O PROFESSOR — Qual é o primeiro sintoma da proximidade da morte?
O ALUNO — A chegada do médico.



GENEROSIDADE

O SENHOR DA BENGALA — Oh! meu caro, anda tão cheio de remendos! Olhe, vá lá a casa, que lhe dêem um dos meus fatos!



NA SELVA VIRGEM

— Digo-te, Bambo, que não gosto hoje de ouvir Toscanini no «Allegro» da «Sexta Sinfonia».